



CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICODRAMA

ELIANE EMA WILLE

**"A CONTRIBUIÇÃO DO PSICODRAMA NO RESGATE DA SOCIABILIDADE DE
IDOSOS COM LIMITAÇÕES FÍSICAS"**

FLORIANÓPOLIS (SC)

2018
ELIANE EMA WILLE

**"A CONTRIBUIÇÃO DO PSICODRAMA NO RESGATE DA SOCIABILIDADE DE
IDOSOS COM LIMITAÇÕES FÍSICAS"**

Monografia submetida a apreciação da banca examinadora do Curso de Formação em Psicodrama, da Locus Psicodrama Rh como parte dos requisitos necessários para a obtenção do certificado de Especialização em Psicodrama Nível I – Foco Psicoterápico.

FLORIANÓPOLIS (SC)

2018

**"A CONTRIBUIÇÃO DO PSICODRAMA NO RESGATE DA SOCIABILIDADE DE
IDOSOS COM LIMITAÇÕES FÍSICAS"**

Esta monografia foi julgada e aprovada para a obtenção do título de Psicodramatista, foco Psicoterápico, no curso de formação da Locus/ Psicodrama da FEBRAP em parceria com o convênio IERGS/UNIASSELV

Profª Dnd. Psic. Márcia Pereira Bernardes
Coordenadora e Professora Orientadora

Psicodidata Marly Butzke Boebel
Psicóloga convidada

Profº Dr. Harryson Luiz da Silva
Professor convidado

FLORIANÓPOLIS (SC)

2018

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer imensamente a Deus pela minha família e sabedoria que me concedeu para desenvolver este trabalho tão importante e significativo de forma pessoal e profissional. Agradeço da mesma forma meus pais Herberto e Ana Publitz que me amam. Em especial meu querido marido Paulo Wille que compreende a minha vontade de estudar, me apoiou nesses anos de estudo e muitas vezes da necessidade de uma distância. Meus filhos Paulo Eduardo e Cleiton Luiz Wille que auxiliaram e motivaram para que eu continuasse os meus estudos, igualmente minha nora Alexandra. Quero agradecer minha Psicoterapeuta Michele H. T. Vieira que muito me auxilia, minha Orientadora Professora Márcia Pereira Bernardes que não desiste de mim, sempre me apoia e motiva. Minha amiga e Professora Marly B. Boebel que sempre passou boas energias para enfrentar os desafios da faculdade e ensinou-me a amar esta linda profissão. Amigos de muitos anos Luiz, Sueli, Márcio, Sueli e Jackson.

MUITO OBRIGADA!!!

Que a vida me permita ter bons momentos com cada um de vocês, forte abraço a todos.

“Há pouco, andava quase que como o voar de um beija-flor. Com o tempo, vou manso, bem devagar. Bem há pouquinho, era o sol. E, de repente, anoiteceu. Lembro-me que era ontem, bem recente; frescor, fragrância, textura de pêssegos recém-colhidos. Vieram passos, nergas, marcas bem marcadas. Me olhei, e vi que ali no espelho, era eu.”

(Fernando Pessoa)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi avaliar o uso de técnicas psicodramáticas aplicadas para a sociabilização de um grupo de idosos com limitações físicas. Para tanto, procurou-se compreender o idoso e sua subjetividade, de forma a qualificar os resultados do processo de intervenção junto ao grupo bem como identificar as técnicas psicodramáticas para este público. A Organização Mundial da Saúde constatou que um em cada três idosos brasileiros manifesta dificuldade motora, o que aponta para necessidade de uma pesquisa voltada a este público. Foram realizados doze encontros com um grupo de cinco idosas em uma casa de repouso. A partir da entrevista individual, pode-se perceber que as idosas se encontravam solitárias em seus quartos, não apresentavam vínculos de amizade mesmo morando na mesma casa. Os encontros ocorreram nos meses de setembro e outubro de 2018, com dois encontros semanais temáticos. Pode-se afirmar que ocorreram mudanças positivas ao longo do processo, como exemplo, após o término do quinto encontro duas idosas ficaram conversando no pátio da casa ao invés de se dirigirem ao quarto como de costume. Como resultado foi constatado que as técnicas psicodramáticas se mostraram eficazes para um público com limitações físicas. Desta maneira as idosas se sentiram confortáveis nos encontros e, ao resgatar a espontaneidade e a criatividade das integrantes do grupo, foi possível criar vínculos de amizade entre elas.

Palavras-chave: Idoso, sociabilidade, técnicas psicodramáticas.

ABSTRACT

The goal of this study was to evaluate psychodramatic techniques applied to socialization in a group of elderly people with physical disabilities. In order to do so, we sought to understand the elderly and their subjectivity, qualify the results of an intervention process with the group as well as identifying the psychodramatic techniques that can be fitted for this public. The World Health Organization (WHO) considers that one out of every three elderly Brazilians present functional impairment, which points to the need for a research aimed to this public. Twelve meetings were held with a group of five women in a nursing home for elderly people. From a prior individual interview, we could notice that the elderly women were very lonely in their rooms and they did not present a bond of friendship even with the ones living in the same house. The meetings took place in September and October 2018, with two thematic weekly meetings. We noticed that positive changes occurred throughout the intervention process. As an example, after the end of the fifth meeting, two women were sunbathing and talking in the courtyard instead of going to the room as usual. We observed that psychodramatic techniques proved to be effective for an audience with physical disabilities. In this way, the elderly women felt comfortable in the meetings and, by redeeming spontaneity and the creativity of the members of the group, bonds of friendship among them were established.

Key words: Elderly, sociability, psychodramatic techniques.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.2 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA.....	13
1.3 OBJETIVO GERAL	13
1.3.1 Objetivos Específicos.....	13
1.4 DEMARCAÇÃO	13
1.5 JUSTIFICATIVA DO TRABALHO	14
1.6 HIPÓTESES DO TRABALHO	16
1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	16
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1 IDOSO	17
2.1.1 A procura do idoso pela Psicoterapia uma breve abordagem	18
2.1.2 Um Ser em Relação – o Homem	19
2.2 GRUPO TERAPÊUTICO	20
2.3 PSICODRAMA.....	21
2.3.1 História resumida de Jacob Levy Moreno.....	21
2.3.2 Teoria da Matriz de Identidade	23
2.3.3 Teoria da Espontaneidade.....	25
2.3.4 Criatividade.....	26
2.3.5 O “Aqui e Agora”	26
2.3.6 Teoria Socionômica	27
2.3.7 Conserva Cultura	28
2.3.8 Teoria dos Papéis	28
2.3.9 Jogos Dramáticos	29
2.3.10 Fases da Sessão Dramática.....	31

2.3.11 Instrumentos do Psicodrama	31
2.3.12 Técnicas psicodramáticas.....	32
3. METODOLOGIA	36
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS ENCONTROS	38
4.1 PRIMEIRO ENCONTRO	39
4.2 SEGUNDO ENCONTRO	41
4.3 TERCEIRO ENCONTRO	43
4.4 QUARTO ENCONTRO	46
4.5 QUINTO ENCONTRO.....	49
4.6 SEXTO ENCONTRO	51
4.7 SÉTIMO ENCONTRO.....	54
4.8 OITAVO ENCONTRO	56
4.9 NONO ENCONTRO.....	58
4.10 DÉCIMO ENCONTRO	61
4.11 DÉCIMO PRIMEIRO ENCONTRO.....	62
4.12 DÉCIMO SEGUNDO ENCONTRO	65
5. CONCLUSÃO SOBRE OS ACHADOS	67
6 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O QUE FOI CONCRETIZADO.....	69
REFERÊNCIAS.....	71
ANEXO – TEXTO UTILIZADO: O PRESENTE (O HOJE).....	75
APÊNDICE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	78

1. INTRODUÇÃO

Podemos localizar no método do Psicodrama em sua base filosófica a Socionomia, que trata a respeito do estudo das leis que conduz o comportamento social e grupal. Para Moreno (1997) o homem é um indivíduo que nasce e vive num contexto de relações que determinam o seu ser. O indivíduo vive em sociedade e precisa do *outro* em sua vida, ocasionando as trocas e oportunizando o aprendizado.

Mendes (2005) nos escreve que a vida do indivíduo é identificada por fases e uma delas é o envelhecer, ocasionando transformações físicas, psicológicas e sociais que ocorrem de modo específico em cada ser humano.

Para caracterizar as diferentes fases pelas quais passa o indivíduo, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) que determina 'idoso' o indivíduo pela sua idade cronológica. Assim, o idoso é o indivíduo que está com 60 anos ou mais para países em desenvolvimento como o Brasil e com 65 anos ou mais para países desenvolvidos.

A partir dessas idades é mais frequente encontrarmos limitações motoras nos indivíduos. Em pesquisa realizada à Fundação Oswaldo Cruz, juntamente com informações da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS 2013), foi constatado que um em cada três idosos brasileiros manifesta dificuldade motora. Sendo que desses 80%, ou seja, cerca de 6,5 milhões de idosos, precisam de ajuda para efetuar tarefas diárias, incluindo hábitos alimentares, deslocamentos, higiene ou até mesmo o trocar de roupas (OMS, 2016).

Esta ajuda que os idosos precisam, fica saliente quando constatado que o crescimento da população idosa vem aumentando nestes últimos anos e se estima até 32 milhões de idosos em 2025 (GOMES, 2014) com base nisso, se tem a necessidade de um maior acolhimento a este público.

Grande parte destes idosos irão terminar suas vidas em lares de idosos. Esses lares tem o propósito de acolher do mesmo modo que um domicílio e de forma coletiva, com apoio ou não da família, numa circunstância de ter liberdade, respeitabilidade e na condição de cidadão (DIEL, 2013).

Sobre isso a Segurança Sanitária em Instituições de Longa Permanência para Idosos – (ILPIs) do Estado de Santa Catarina, indica que estas instituições podem ser de categoria governamental ou não, normalmente são residências para receber idosos acima dos 60 anos ou mais de ambos os sexos.

Nas instituições o trabalho do Psicólogo não é uma prática utilizada por todos. A psicoterapia para este público é necessária, mas não ocorre. Costa (1998) salienta que a psicoterapia tanto individual ou em grupo mesmo nos dias de hoje não é vista de forma tranquila por todos e na terceira idade, essa questão é ainda mais intensa. Diante desse fato e ao utilizar o método do Psicodrama, se pode ir ao encontro desse público, com as técnicas e teorias buscar envolver e criar laços no fortalecimento das relações sociais, onde as mudanças podem ocorrer.

Entendendo a necessidade do idoso, aliado a importância do psicodrama, é formado um grupo terapêutico de pacientes idosos (acima de 60 anos) com limitações físicas que residem em casa de repouso na cidade de Joinville. Busca-se fornecer um momento de interação e reflexão através de temas trazidos pela psicoterapeuta, utilizando-se da teoria e técnicas psicodramáticas. Conforme os conteúdos trazidos semanalmente o psicoterapeuta avalia e conduz as próximas sessões.

Desta forma a formação do grupo terapêutico com idosos vem a favorecer um público que é pouco assistido pela busca da psicoterapia. E também poderem contar com um profissional capacitado para este acolhimento. A ampliação do tema poderá ser consultada para posterior pesquisa de estudantes e profissionais na área.

1.1 ORIGEM DO TRABALHO

Decidi prestar vestibular e ingressar numa faculdade aos 42 anos de idade, os filhos crescidos, estudando em outra cidade. Logo soube que seria Psicologia. Os pensamentos permeavam em mudanças e conhecimentos que estavam sendo absorvidos depois de tantos anos fora de uma escola.

Muito estudo, novas amizades e a partir do aprendizado me interessei em trabalhar com idosos. Na faculdade não houve momento certo deste trabalho e após

os três anos de pós-graduação, o conhecimento se intensificou e uma questão permanecia comigo: como que as sessões psicodramáticas vividas no grupo da pós-graduação, com pessoas jovens, poderia ser realizada se o público fosse de pessoas idosas e portadoras de limitações físicas. Desta forma fiquei instigada a pesquisar o tema e compreender como o Psicodrama pode ser replicado ao público idoso com limitações físicas.

Estas limitações físicas, segundo Galdino (2004), são apontadas como um fator de saúde, de uma forma especial da vivência pelo idoso, que procura ter autonomia na forma física e mental para se tornar necessário que o mesmo consiga efetuar suas atividades como: troca de roupa, banho, fazer a refeição, limpeza da casa, fazer compras, caminhar, uso de transporte, etc. "... a dimensão motora é um dos importantes marcadores de um envelhecimento bem sucedido e da qualidade de vida dos idosos" (pág. 131).

Sobre limitações o Decreto Lei nº 101/2006 de 06 de Junho de 2006 (Diário da República) define "capacidade que uma pessoa possui, em cada momento para realizar tarefas de subsistência para se relacionar com o meio envolvente e para participar socialmente".

Na teoria do Psicodrama, Moreno (1997) nos traz que o homem, desde a sua nascença, é criativo, é espontâneo e tem sensibilidade. Fatores adversos no decorrer da vida, vão muitas vezes causando "traumas" e o indivíduo acaba "adoecendo", desta forma os conflitos que se vivencia com o passar do tempo podem causar sofrimentos.

Dentro deste contexto, a abordagem do Psicodrama vem com um referencial teórico onde eu possa, como psicodramatista, auxiliar de forma profissional, atuando como psicoterapeuta numa demanda específica que é a pessoa idosa e suas limitações físicas.

1.2 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

Como as técnicas psicodramáticas podem ser aplicadas a pacientes idosos com limitações físicas?

1.3 OBJETIVO GERAL

Avaliar a adaptabilidade de técnicas psicodramáticas aplicadas para a socialização de um grupo de idosos com limitações físicas.

1.3.1 Objetivos Específicos

- Compreender o idoso e sua subjetividade;
- Avaliar a adaptabilidade das técnicas psicodramáticas a serem utilizadas no grupo de idosos com limitações físicas;
- Avaliar os resultados do processo de intervenção junto ao grupo.

1.4 DEMARCAÇÃO

A pesquisa está orientada para trabalho em grupo de psicoterapia com idosas, com limitações motoras e baixa visão. Pacientes com idade entre 75 e 91 anos, as sessões foram realizadas numa casa de repouso, na cidade de Joinville, no período compreendido entre setembro e outubro de 2018, com encontro de duas vezes na semana, totalizando doze encontros. A duração destes é de uma hora em grupo de cinco participantes, todas são mulheres.

Processo de intervenção atribuído às etapas do psicodrama (aquecimentos, dramatização e compartilhamento/sharing). Na dramatização identificada quais técnicas / teorias do psicodrama que podem ser utilizadas pensando nas limitações físicas das idosas.

1.5 JUSTIFICATIVA DO TRABALHO

Em consulta realizada em Julho de 2018 na revista Brasileira de Psicodrama, pode se constatar apenas quatro artigos que envolvem o tema idoso.

Entretanto em pesquisa realizada em órgãos Nacionais e Internacionais, as informações demográficas e Sócias Econômicas (IBGE, 2018), revelam que este tema é de elevada importância, pelo fato do crescimento da população idosa ser algo que está chamando a atenção dos órgãos competentes.

A Lei brasileira, de nº 8.842, estabelecida em Janeiro de 1994, pelo (Ministério da Saúde, 2006) dispõe sobre a Política Nacional do Idoso e tem por objetivo garantir a integração do idoso à sociedade, proporcionando sua autonomia.

Do mesmo modo é constituído, no Brasil, o Conselho Nacional dos Direitos do Idoso (CNDI) através do Decreto nº 4.227 de 13 de Maio de 2002 (Ministério da Saúde, 2002) com a incumbência de avaliar e supervisionar a Política Nacional do Idoso e os seus direitos estabelecidos nos Estados e Municípios.

Na mesma direção, a Lei nº 10.741 de 01 de Outubro de 2003 (Ministério da Saúde, 2003) entrou em vigor que dispõe sobre o Estatuto do Idoso. Esta Lei tem por objetivo o atendimento preferencial ao Idoso, visando cuidado dos mesmos: junto à Família, Comunidade, a Sociedade e do Poder Público. Atribuído os direitos assegurados aos privilégios dos idosos com idade de 60 anos ou mais. A Lei nº 13.466, de 12 de Julho de 2017 (Ministério da Saúde, 2017) modifica os artigos. 3º, 15 e 71 da Lei nº 10.741 do Estatuto do Idoso, proporcionando preferência aos idosos maiores de 80 anos.

Da mesma forma em relação à Saúde do Idoso foram criadas as Portarias: Portaria 399/GM de 22 de Fevereiro de 2006 (Ministério da Saúde, 2006) que informam o Pacto na Saúde de 2006 consolidações do SUS, aprovando Diretrizes Operacionais. Portaria nº 2.528, criada em 19 de Outubro de 2006 (Ministério da Saúde, 2006) onde estabelece aprovação de Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa.

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2016) menciona que o Brasil tem a quinta maior população idosa do mundo, com aproximadamente 28 milhões de pessoas com 60 anos ou mais. As pessoas idosas no país chegam a 13,7% na população total, sendo 27,8 milhões de pessoas. Destaca-se ainda que neste grupo, crescem de forma demasiada os idosos ditos “longevos”, que são aqueles que vivem 80 anos ou mais. Desta forma, a estimativa, para 2030, é de que o número de brasileiros com 60 anos ou mais, excederá o de crianças de 0 a 14 anos de idade.

Segundo pesquisa feita pela Organização das Nações Unidas – ONU (*United Nations*, 2017) a análise realizada da população em 2017 mostrou que idosos (maior ou igual há 60 anos) totalizaram 962 milhões de pessoas no mundo. Este número corresponde a 12,7% da população mundial.

Em meio a isso, avaliado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (Panorama Nacional e Internacional da Produção de Indicadores Sociais-2018) que a população brasileira cresceu no sentido do envelhecer nos últimos anos, ganhando 4,8 milhões de idosos desde 2012. Sendo assim, acima de 30,2 milhões em 2017 conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Características dos Moradores e Domicílios. No Brasil em 1950 as pessoas acima de 60 anos representaram um percentual de 4,9% na população total de idoso, já em 2010 este percentual foi de 10% que correspondeu a 19,7 milhões de idosos. Realizado projeção para 2033 onde os idosos serão 20,0% da população total que se aproxima de 46 milhões de pessoas.

Criada pelo Ministério da Saúde em 2017, a 4ª edição da Caderneta de Saúde da Pessoa Idosa. Nesta caderneta é reconhecido pelo órgão que a população idosa no século XX aumentou, sendo uma conquista para toda humanidade, e, portanto, esse público deve receber uma atenção ainda maior.

O Ministério Público através da Constituição Federal de 1988, pela Lei 8.625/93 e pela Lei 10.741/2003 (Manual de atuação funcional: o Ministério Público na Fiscalização das Instituições de Longa Permanência para Idosos) mostra a sua preocupação com este grupo de indivíduos ao estabelecer em um manual (Manual de atuação funcional: o Ministério Público na Fiscalização das Instituições de Longa Permanência para Idosos) normas quanto ao funcionamento, regularização e

fiscalização das ILPIs (Instituições de Longa Permanência para Idosos) no Estado de Santa Catarina.

O tema idoso não se limita apenas ao Brasil. Muitos órgãos internacionais consideram este cada vez mais relevante. A organização mundial da Saúde (OMS, 2016), por exemplo, chegou a definir uma data para lembrar sua importância - o Dia Internacional do Idoso, comemorado em 01 de Outubro. O órgão traz a seguinte pauta: “envelhecimento saudável é essencial para manter a capacidade funcional do indivíduo e permitir o bem-estar em idade avançada”. Este ainda define projetos de ações que englobam incentivos as atividades físicas, alimentação, reforço na atenção básica com vacinas e atenção a doenças como diabetes e hipertensão.

1.6 HIPÓTESES DO TRABALHO

Técnicas e recursos psicodramáticos podem ser aplicados á idosos com limitações físicas.

1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta obra está estruturada em seis capítulos, sendo o primeiro dedicado à introdução, onde estão apresentados: objetivos, problema de pesquisa, suposição, origem e relevância do trabalho. O segundo capítulo discorre sobre o idoso, sobre grupo e o marco teórico focado no psicodrama em seus aspectos históricos, teóricos e conceituais. O terceiro capítulo apresenta a metodologia utilizada na pesquisa. A apresentação do trabalho realizado e a discussão pertinente constituem o capítulo quatro. O quinto capítulo apresenta a conclusão sobre os achados, e no sexto capítulo são urdidadas considerações sobre o que foi concretizado, seguindo-se então os elementos pós-textuais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 IDOSO

Conforme pesquisa realizada em Janeiro de 2018 pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Panorama Nacional e Internacional da Produção de Indicadores Sociais) o encadeamento para o envelhecer ocorre pelas circunstâncias: causas biológicas, pelo aparecimento de doenças, pelo prejuízo na saúde física e mental, pelo fato dos papéis sociais sofrerem alterações entre outros. Mesmo considerando estes aspectos, se torna delicado definir em que momento se dá o início do envelhecimento, sendo que o mesmo pode surgir pelas desigualdades e oportunidades no âmbito social, econômico e cultural. Portanto, no Brasil, pode se dizer que a definição de quem é idoso segue os parâmetros de idade, definidos pelo Ministério da Saúde.

O envelhecimento para Costa (1998) acontece naturalmente, assim ao menos deveria ser sendo um seguimento que ocorre do nascer até a morte. Todo indivíduo terá sua trajetória de mudanças que mesmo que venha a falecer independente da idade que tiver, terá tido a experiência de envelhecer. É triste que muitas vezes o envelhecer esta associada à pessoa estar feia, caduca, ser incapaz, enfraquecida ou até doente. Dessa situação de estar velho, pode vir o preconceito, o temor, mas tudo é muito individual do ser humano. “É um mito dizer que a velhice esta sempre associada a uma deficiência física e/ou mental” (COSTA, pág. 28)

Costa (1998) ainda nos aponta para três conceitos sobre o envelhecer: “Conceito Cronológico”, “Conceito Biológico” e “Conceito Pessoal”. O “Conceito Cronológico” é cultural, pois se dá a partir da data de nascimento através da certidão de nascimento onde constam as informações do dia, mês e ano de nascimento. No “Conceito Biológico”, o envelhecer é apontado no como o corpo responde à idade, sendo muito particular de cada pessoa. Como exemplo, citado pela autora: “paciente de 70 anos conseguia... subir numa escada de madeira que o levava até o telhado da sua casa... Sua esposa, dez anos menos, não se sentia capaz de subir nem o primeiro degrau” (pág. 32). No “Conceito Pessoal” o envelhecer é extremamente subjetivo de cada pessoa, como ela se sente, sendo que é comum as pessoas

estarem com uma idade e sentirem outra, por meio de um olhar para si mesmo, somando-se às experiências vividas, uma expectativa acerca de si. Em outro exemplo a autora refere-se “a querida Cora Coralina, já com idade bastante avançada (mais de 90 anos) respondeu a um entrevistador: “Eu não me acho velha, você me acha?” (pág. 34). Assim, o envelhecer é um momento único de cada indivíduo, relacionado ao como se sente fisicamente e emocionalmente.

2.1.1 A procura do idoso pela Psicoterapia uma breve abordagem

Segundo Costa (1998) a psicoterapia ainda nos dias de hoje é vista por muitos com desconfiança por algumas pessoas. E, se referindo a idosos, esta rejeição é mais ampliada, e esta rejeição parte dos próprios idosos, conforme nos aponta a autora (pág. 58): “Ele mesmo muitas vezes comenta: “Que absurdo eu me submeter a “isto” (referindo-se ao tratamento) depois de velho! Era só o que faltava!”. Além dessa ideia preconceituosa, os idosos sentem-se também intimidados...”.

Costa (1998) comenta que há idosos que, em companhia dos filhos ou familiares, comparecem ao consultório, mas de forma receosa não havendo entusiasmo pelo tratamento. Segundo o autor “A maioria espera o “milagre” psicoterapêutico e nega-se a entender e perceber que o tão falado milagre está dentro de cada um” (pág. 59). Salaria que quando a psicoterapia é procurada pelo idoso de forma espontânea, ocorrem três situações diferentes: Primeira, o idoso não passou pelo processo de psicoterapia anteriormente e, nesta situação é indispensável que seja dado um período para se adaptar às sessões, e sentirem-se a vontade para o envolvimento em grupo. Segundo, o idoso em ocasiões anteriores, já tinha passado por psicoterapia e foi agradável, facilitando muito, pois será uma experiência conhecida. Terceiro, o idoso que já fez psicoterapia anteriormente, mas não tem boas recordações. Desta forma o idoso verá o trabalho com descrença, medo e pessimismo.

Todo trabalho psicoterapêutico exige do profissional que o mesmo perceba diante de cada paciente como o mesmo age diante dos seus conflitos e de suas limitações físicas, abordagem que deve ser feita para não haver

constrangimento. Desta forma o psicodrama pelas técnicas, permite ao paciente ter consciência das suas questões de forma que não lhe deixe tão exposto.

2.1.2 Um Ser em Relação – o Homem

O indivíduo é um ser único e requer atenção de forma individual também, e o papel do psicoterapeuta é ouvir sem julgamento e, a partir do que o paciente trazer ter empatia, acolhimento e recursos técnicos para ajudar. Esta relação paciente-terapeuta precisa de uma compreensão por parte do psicoterapeuta. O psicoterapeuta não pode ser “neutro” em relação aos sentimentos do paciente, precisa-se ter uma mescla entre emoções, teorias e práticas profissionais conforme salienta Duarte Junior no livro: “A Política da Loucura”. De acordo com a compreensão de Duarte Junior (1983) entender o homem é de extrema importância para o profissional da psicologia, pois “é preciso, para o psicoterapeuta, transformar o caos em que se encontra a vida do cliente, num esquema ordenado e compreensível, tanto para si quanto para o próprio cliente” e acrescenta que no instante em que o terapeuta e o paciente estão na sessão, “uma relação humana que vai se estabelecendo, na qual o próprio “cientista” é um dos elementos envolvidos” (pág. 25). Para ele a expressão vai muito além de simplesmente se comunicar. As sensações e sentimentos se tornam compreendidos quando são expressos emocionalmente pelo corpo e não somente dito pela linguagem conceitual. Como exemplo o autor traz a seguinte menção: “Através do choro exprimo a minha tristeza com muito mais vigor do que somente dizendo que me sinto triste” (pág. 27). Acrescenta que os indivíduos se mantêm numa relação uns com os outros, não há indivíduos isolados, contagiando o que está sentindo, pensando e percebendo. Em suas próprias palavras, “nossa vida se dá e se define a partir dos relacionamentos que mantemos com os outros, nos diferentes grupos sociais a que pertencemos” (pág. 30).

Esses grupos sociais são de extrema importância na vida do homem em especial do idoso, que muitas vezes se sente abandonado, sentimento este que lhe ocorre por diversos fatores, o idoso se percebe fora do convívio familiar, grupo de amigos e suas relações podem ficar restrita.

2.2 GRUPO TERAPÊUTICO

Segundo Andaló (2006) a história sobre o surgimento de grupo, fica reconhecida no século XVIII, com os conhecidos “socialistas utópicos” que são os filósofos que acreditaram numa possível mudança social, sem enfrentamento de classe.

A palavra grupo, etimologicamente, ou vem do italiano – groppo ou grupo, cujo sentido original, segundo Fontana era no laço – ou do germano ocidental kruppa, que significava mesa arredondada, ligada à tradição celta (Os cavaleiros da tábua redonda). A primeira expressa a ideia de ligação, união e aprisionamento, refere-se ao grau de coesão dos grupos, e a segunda traz a ideia de círculo, de um grupo de iguais (pág.35).

Datner (2006) conceitua grupo como “entidades vivas que se movimentam, comunicam, agem, avançam ou recuam, enfim estão sempre expressando um momento” (pág. 29). Cita da necessidade de entender como ocorre as relações internas das pessoas, seus sentimentos e suas sensações, como age o grupo em cada trabalho.

Sobre a psicoterapia de grupo, cita Moreno (2016) que seu pai Jacob Levy Moreno, foi reconhecido ao receber o mérito pela criação da Psicoterapia de Grupo, tendo grande relevância na sua trajetória como criador desta abordagem. “Sentindo que seu lugar na história poderia ser considerado como a base para a introdução da importância vital do grupo em psicologia...” (pág. 158).

Relata Dias (1987) que o psicodrama de grupo é definido pela psicoterapia de grupo onde são empregadas as técnicas. Este grupo consiste da presença de um terapeuta, egos auxiliares e do grupo, onde terá também um protagonista. Os grupos podem ser pequenos contendo de 4 a 6 indivíduos, médios de 7 a 10 indivíduos ou grandes com mais de 20 pessoas, neste caso “Moreno chama de psicodrama público” (pág. 95).

Sobre as fases de um grupo ressalta Yozo (1996) o grupo tem o seu desenvolvimento, necessário uma leitura, verificar em que fase da Matriz de Identidade que o grupo se encontra, desta forma pode se acompanhar a evolução.

Portanto sobre a psicoterapia de grupo de Idosos nos afirma Costa (1998) no começo das sessões, esperam que as coisas aconteçam de forma mágica, esperam do terapeuta esse “*milagre*”, para cura dos seus conflitos e esta cura deve

vir deles mesmos. Sentem-se como se estivessem em grupo especial e que entre eles o que é comum é o envelhecer e posteriormente morrer. Com o trabalho terapêutico esses medos tendem a ser minimizados, possibilitando um novo olhar e lhes dando novas oportunidades para sentirem força e coragem.

2.3 PSICODRAMA

2.3.1 História resumida de Jacob Levy Moreno

Afirma Gonçalves (*apud* GHEORGE BRATESCU, 1988) que foi investigado que o nascimento de Jacob Levy Moreno criador do Psicodrama ocorreu em 19 de maio de 1889 na cidade de *Bucarest*, na Romênia. Sua origem era judaica e seus pais vieram da península Ibérica. Próximo dos cinco anos foi com a família para Viena. Nesta idade, brincando com seus amigos no porão da sua casa, onde vendo algumas caixas, mesa e cadeira, empilhou e, sentado na cadeira mais alta, assumiu o lugar de “deus”. Quando um de seus amigos pediu para ele voar, e foi o que fez, voou e quebrou o braço direito. “Moreno refere-se com humor a esse episódio dizendo que estava aí o embrião de sua ideia da espontaneidade como centelhas divinas em cada um de nós” (pág. 11).

Gonçalves (1988) escreve que Moreno até 1920 tem uma vida marcada pela religião. Entra para a faculdade em 1912 e se forma em Psiquiatria em 1917. Em 1914 em parceria com um jornalista e médico realiza trabalho em grupo com prostitutas vienenses. No período de 1917 a 1920, Moreno atuou na revista *Daimon Magazine*, muito importante para a época. Em 1920 publica o livro *O testamento do Pai (Das Testament des Vaters)*. Fundado o teatro Vienense da Espontaneidade, onde vivência sua origem para a Psicoterapia de Grupo e Psicodrama. No dia 01 de abril de 1921 ocorre a primeira sessão psicodramática no *Komodien Haus* de Viena. Neste mesmo ano cria o *Stegreitheater*, conhecido como “laboratório *Stegreif*” que fica próximo da Ópera de Viena. Moreno ao se dedicar ao teatro, acaba vivenciando um período científico e não mais religioso.

Cita Gonçalves (1988) que no ano de 1925, Moreno vai para os Estados Unidos, por motivos pessoais. Em 1927 surge a primeira exposição fora da Europa. Em 1929 faz apresentação no *Carnegie Hall* e *Civic Repertory Theatre*. Surge então em 1931 a Psicoterapia de Grupo. No ano de 1936, Moreno vai morar em *Beacon House*, onde estrutura o primeiro teatro de Psicodrama, até 1982 ficou funcionando como “centro de formação de profissionais” e também era realizado terapias com “psicodrama público”. No final da sua jornada de vida, Moreno faz contato com terapeutas de outras abordagens, “visando esclarecer os fundamentos de sua proposta como pesquisador e psicoterapeuta” (pág.17).

Para Marineau (1992) Moreno estabeleceu a ciência da Sociometria e do Psicodrama, criando um trabalho reconhecido como Psicoterapia de Grupo. O embasamento filosófico da obra de Moreno define que o indivíduo está em constante relação interpessoal desde o seu nascimento.

A base da filosofia de Moreno foi sempre a importância dada a cada indivíduo para se expressar através de seus recursos espontâneos e criativos, num mundo em que cada um é parte de um grupo ou de uma entidade social. Desta perspectiva, cada um tem que conduzir um diálogo significativo consigo e com o mundo, o diálogo do Eu e do Tu, dando origem ao conceito de “eu e encontro”, com a implicação de responsabilidade social. É a filosofia que assume que eu sou Deus e que todos nós somos deuses (pág. 117).

Marineau (1992) relata que a filosofia de Moreno foi surgindo de forma lenta e gradual, trazendo o indivíduo como ser criador e cocriador, destacando o desenvolvimento deste indivíduo no grupo e através do grupo. Por meio das técnicas do teatro de improviso, Moreno buscava levar o indivíduo a atingir uma vida mais criativa e espontânea, chegando à abordagem do psicodrama.

O Psicodrama perde seu criador, conforme menciona Gonçalves (1988), quando da morte de Jacob Levy Moreno, que ocorreu em *Beacon* na data de 14 de maio de 1974, com 85 anos de idade. Moreno solicitou que fosse gravada em sua sepultura a frase “Aqui jaz aquele que abriu as portas da Psiquiatria à alegria” (pág. 17).

2.3.2 Teoria da Matriz de Identidade

Salienta Gonçalves (1988) que ao falarmos de matriz de identidade do ser humano e sua individualidade, estamos nos referindo às pessoas que tem uma aproximação de afeto com esse bebê, pois ele nasce dentro de um meio social.

A Matriz de Identidade para Bustos (1990) tem uma relação no que envolve o bebê, em primeiro lugar sua mãe que está perto e divide o seu mundo, sendo a parte dele mesmo. Em volta do bebê o que acontece tem um significado como sendo “dentro de si” (pág. 111). O ambiente em que este bebê se encontra, esta forma de tensão fará parte de uma construção do seu ser. “Esta primeira etapa define muito do que o bebê desenvolverá depois como: o mundo é e eu sou: duro, tenso, receptivo, acessível, agressivo, etc...” (pág. 111).

Para Fonseca (1980) a Matriz de Identidade registra algumas fases com bases na sua experiência clínica, mas considera o que foi estabelecido por Moreno.

1ª Fase – indiferenciação - o bebê chora quando tem sensações como dor, frio, fome. Não diferencia o Eu do Tu, (Tu pessoa ou objeto). “Nessa fase a criança não sobrevive por si só, como alguns animais de outras espécies. Necessita de alguém que cuide dela, de um ego-auxiliar (mãe, babá)” (pág. 84). Utiliza-se no psicodrama a técnica do duplo nesta fase.

2ª Fase – Simbiose – o bebê vai ao encontro de se reconhecer como indivíduo, para separar o “outro, o Tu e o mundo” (pág. 86) sendo que a mãe ainda é o seu laço sólido. Se este laço permanece ou não havendo um rompimento, pode surgir prejuízo na personalidade quando o indivíduo for adulto, ou como lida com as questões da vida.

3ª Fase – Reconhecimento do Eu – o bebê passa pelo processo e se reconhece, olha o seu corpo e se vê separado da mãe, sendo esta fase também chamada de espelho. O seguimento do autoconhecimento passa por uma percepção mais detalhada, que engloba o tocar, se esta forma é carinhosa ou agressiva, se esta próxima ou distante. “Constantemente o homem está nesse processo de autoconhecimento que nunca chega totalmente ao seu fim, pois é inesgotável” (pág. 87). Nesta fase pode ser utilizada a técnica psicodramática do espelho, onde o paciente tem a visão dele mesmo através de um ego auxiliar e também a técnica do solilóquio, onde este pode falar e se ouvir.

4ª Fase – Reconhecimento do Tu – começa a observar o outro, distingue o Tu. Faz a comparação do seu corpo com o do outro e questiona por ser distinto. Menciona como exemplo no caso de violentar um parceiro, o mesmo reage em choro ou reage de forma violenta também. Todo este processo é relevante para um aprendizado diante do outro e permitira vínculos bons com o passar do tempo.

5ª Fase – Relações “em corredor” – é o adquirir relações “exclusivistas e possessivas” (pág. 90). A criança não sabe compartilhar o outro com os demais por não saber ainda como lidar com o que esta a sua volta, não tem uma noção do todo.

6ª Fase – Pré inversão – em dado momento a criança inverte os papéis. Por exemplo, ora ela é a mãe, ou ela é a médica, ou o cachorro. Neste momento da início ao processo de inversão de papéis, onde troca o papel com algum objeto ou pessoa. O autor traz a seguinte complementação, “Penso que este processo que se inicia cedo só tem seu completo desenvolvimento na vida adulta” (pág. 91).

7ª Fase – Triangulação – As relações são de extrema importância, ainda mais quando a criança já se reconheceu e reconheceu o Tu e agora precisa reconhecer o Ele. Pode se tornar um momento delicado para a criança e sentir que há uma perda do Tu, ocasionando assim um abandono, que com isso responderá de uma forma boa ou muito ruim perante o proposto nesta fase triangular.

8ª Fase – Circularização – Quando a criança passa a ter contato com outras pessoas, como: escola, grupos, amigos e ocorre, portanto, o processo de socialização. “A possibilidade de “inclusão” grupal, de deixar de sentir a frieza do Eu-Eles para sentir o cálido envolvimento do Eu-Nós, significa um passo importante para que seus futuros relacionamentos grupais e sociais sejam satisfatórios” (pág. 95).

9ª Fase – Inversão de papéis – nesta fase após ter passado por todos os reconhecimentos do Eu, do Tu, do Ele, dos Eles e do Nós, o indivíduo alcança amplitude e esta numa relação.

10ª Fase - Encontro – é a relação saudável que surge como um momento de loucura como diz Fonseca. “Encontro como um momento ideal de saúde” (pág. 102).

Para Moreno (1997) “Essa coexistência, coação e coexperiência que, na fase primária, exemplificam a relação do bebê com as pessoas e coisas à sua volta, são características da matriz de identidade” (pág. 112). Essa matriz de identidade é

a primeira que apresenta as estruturas do recurso do aprendizado emocional do bebê.

2.3.3 Teoria da Espontaneidade

Gonçalves (1988) menciona que, para sentirmos entusiasmo de nos percebermos vivos, se faz necessário uma visão como donos dos nossos caminhos. Pois se ocorrer de ficarmos presos a situações que não é da nossa escolha, ficamos limitados, ocasionando a perda da espontaneidade. “A espontaneidade é a capacidade de agir de modo “adequado” diante de situações novas, criando uma resposta inédita ou renovadora” (pág. 47).

A espontaneidade para Moreno (2016) é uma tarefa árdua, principalmente para as pessoas adultas. Para ser mais ágil seguimos os afazeres de forma pré-estabelecidas, seguindo protocolos. Os bebês por outro lado apresentam espontaneidade, pois conforme o autor indica “... no momento que atingem a idade adulta, sua espontaneidade é prejudicada pelas expectativas culturais e convenções sociais” (pág. 87).

Embora a espontaneidade seja de elevada importância para o psicodrama Moreno (2006) comenta que “O fato de um paciente carecer de espontaneidade não é um impedimento para a produção psicodramática” (pág. 376). Diante desse tipo de situação o papel do ego-auxiliar se faz fundamental para fornecer suporte e sustentação a este paciente.

Para Martin (1996) ser espontâneo é usufruir dos momentos oportunos em que o ser humano precisa ser autêntico, para se adequar em seu Meio. “... a espontaneidade está ligada ao desempenho de papéis, que são normas transmitidas, mas que exigem criatividade para que um indivíduo aproprie-se delas” (pág. 132).

Costa (1998) salienta que a espontaneidade com o passar do tempo não deve ser perdida. Porém à medida que um indivíduo envelhece, as conservas culturais tendem a surgir, causando, involuntariamente mudanças e também uma redução do aparecimento da espontaneidade. Costa acredita que a espontaneidade

é tão ou mais importante quanto viver por muitos anos no sentido biológico ao fazer o seguinte comentário “Que se pudesse descobrir e possuir algum fluido mágico que, se não fosse capaz de prolongar a vida, pelo menos fizesse perdurar em cada ser humano a fonte constante de espontaneidade e criatividade” (pág. 112).

Datner (2006) faz menção à espontaneidade ao incentivar o aumento progressivo desta ao longo das sessões do grupo terapêutico. Uma das maneiras sugeridas pela autora é através dos jogos dramáticos no início da sessão. “Neste período de aquecimento a promoção da espontaneidade estimula a criatividade dos indivíduos presentes que movimentam o ser e sua ação...” (pág. 39). O autor define espontaneidade como a “mais natural e adequada expressão corporal, emocional e racional”.

2.3.4 Criatividade

Para Gonçalves (1988) se o indivíduo detivesse a cultivar o todo que já fez de forma criativa e a conservasse sem nenhuma mudança, deixaria de existir a sua espontaneidade. “Para que a criatividade se manifeste é necessário, segundo Moreno, que as conservas culturais constituam somente o ponto de partida e a base da ação, sob pena de se transformarem em seus obstáculos” (pág. 48).

Diante da Criatividade salienta Martin (1996) “... se a espontaneidade fomenta o surgimento de algo novo, e novo é criador, é lógico que para Moreno espontaneidade e criação sejam termos correlativos” (pág. 156). O surgimento da espontaneidade pode ser dito como ação e a criatividade como uma conclusão.

2.3.5 O “Aqui e Agora”

Segundo Gonçalves (1988), Moreno acreditava ser de extrema importância na relação entre os indivíduos considerar apenas o momento de agora. Ele se mostrava contra as teorias que tentavam resolver o passado, quando se falava em relação. “Trata-se de averiguar a relação presente, as correntes afetivas tais como estão sendo transmitidas e captadas aqui e agora” (pág. 55).

Para Moreno (2006) “... liberar a espontaneidade no aqui e agora, o protagonista é especialmente instruído a fazer do tempo seu servo e não seu patrão” (pág.374). O protagonista deve ser instruído a fazer a cena como se o ocorrido estivesse sendo neste momento, para que ele tenha a sensação e percepção de estar atuando com o mesmo sentimento de conflito do que já ocorreu anteriormente.

2.3.6 Teoria Socionômica

Salienta Gonçalves (1988) que para Moreno as relações interpessoais são o que estrutura o indivíduo. “O Homem Moreniano é um indivíduo social, porque nasce em sociedade e necessita do outro para sobreviver, sendo apto para a convivência com os demais” (pág. 41). A teoria de Moreno é baseada nas relações que o homem estabelece, ele precisa do outro, é criado numa sociedade, para estudar esta inter-relação. Desta forma, Moreno cria a Socionomia “cujo nome vem do latim sociu = companheiro, grupo, e do grego nomas = regra, lei, ocupando-se, portando do estudo das leis que regem o comportamento social e grupal” (pág.41).

Ressalta Gonçalves (1988) que dentro da Socionomia foi criado a Sociodinâmica, a Sociometria e a Sociatria que consiste na terapêutica das relações sociais. Onde compõe: a) Psicodrama – o mesmo é utilizado na ação dramática para se tratar o indivíduo e o grupo; b) Psicoterapia de grupo – atua na dinâmica do grupo, visando às relações interpessoais e; c) Sociodrama – o protagonista é o grupo, reúne pessoas com objetivos e trabalhos em comuns.

Moreno compreendia que com a aplicação desses três mecanismos seria provável o tratamento e a cura do social “o que lhe custou à designação da Sociatria como a utopia moreniana” (pág. 43).

2.3.7 Conserva Cultural

Martin (1996) cita que a conserva cultural aparece na criança através da proximidade dos adultos. Classifica-se em dois aspectos significativos para que esta conserva cultural seja instalada: uma pela mãe, que acaba passando para a criança o seu jeito e desejo, que vem com sua essência carregando uma conserva de muito tempo e a outra pelos brinquedos mecânicos. “Razões filosóficas, psicológicas e didáticas, explicam o nascimento das conservas culturais. Existem outras que intencionalmente deixamos para o final: as razões conflitivas” (pág. 151).

Moreno (1997) acredita que foi mais conveniente para nossos antepassados preservarem e até acharem uma necessidade de permanecerem na conserva cultural. Desta forma se mantinham seguros, pois não necessitavam improvisar no momento para si próprio ou para uma comunidade. As conservas culturais serviram para dois aspectos: o prestativo em casos alarmante e o outro a de garantir a “herança cultural” de forma a dar sequência.

Assim como o evidente declínio da função criadora do homem, ao enfrentar os problemas de nosso tempo, nos obrigou a proceder a uma análise e reavaliação da conserva cultural, também nos vimos forçados a dirigir a nossa atenção para os fatores de espontaneidade e criatividade, desde um novo ponto de vista (pág. 160).

2.3.8 Teoria dos Papéis

Bustos (1990) cita que Moreno classifica os papéis em três tipos: psicossomáticos, sociais e psicodramáticos. Os papéis psicossomáticos: estão associados às funções fisiológicas, exemplo: comer, dormir, defecar, etc... Os papéis sociais: àqueles que o indivíduo assume e pelo qual ele se relaciona no ambiente, exemplo o médico, com sua roupa branca, estetoscópio muito singular. E, os papéis psicodramáticos: são os criados pelo indivíduo, onde engloba um “contra papel” que quer dizer uma complementariedade, como exemplo: marido que se põe no papel esposa e vice versa.

Desta maneira Bustos classifica os papéis em proximidades como “simétrico” e “assimétricos”. Como exemplo de simétricos cita-se os papéis de irmã, amigas e os papéis assimétricos de mãe-filho, dentista-paciente.

Os papéis para Gonçalves (1988) “Na vida real, em sociedade, os indivíduos tem funções determinadas por circunstâncias socioeconômicas, por sua inserção numa determinada classe social...” (pág. 66). Os papéis condizem a uma profissão como, por exemplo: ferramenteiro, contador, professor, outros papéis definidos por uma “classe social: patrão, operário, sem-terra, fazendeiro” (pag.66). Os papéis que surgem pela atividade de se requerer conduta: “líder, revolucionário, negociador, repressor” (pag.66). Os papéis de afeto como “amigo, inimigo, companheiro” (pag.66). Tendo também os papéis familiares: “pai, mãe, filho, patriarca, idiota da família, sucesso da família” (pág.66) e os papéis de instituição: “diretor, deputado, coordenador, reformador” (pág.66). Gonçalves confirma que para todos esses papéis há algo em paralelo, são reconhecíveis.

Segundo Moreno (1997) o primeiro papel a se desenvolver é o psicossomático, que está relacionado às necessidades básicas de sobrevivência como comentado anteriormente. Os papéis sociais estão numa proporção menor em seu desenvolvimento que o psicodramático. O papel social e psicodramático acaba se intercalando no seu desenvolvimento. “Os papéis não decorrem, do eu, mas o eu pode emergir dos papéis” (pág. 210).

2.3.9 Jogos Dramáticos

Yozo (1996) sobre os jogos dramáticos nos traz que Moreno em sua infância ao estar com seus amigos e ser incitado a brincar de “ser deus” aos quatro anos de idade, pôde vivenciar de forma lúdica, como um “jogo dramático”. Para tanto Moreno pode ter a percepção que as crianças são espontâneas, sem medos, e originais, o que não acontece com os adultos. “Ora se constatamos que o jogo favorece o lúdico e a espontaneidade, faz-se importante resgatar esta “chama acesa” da criatividade” (pág. 15).

Ainda Yozo (1996) diz que o jogo dramático proporciona ao ser humano se atirar e permitir que aja espontaneidade e criatividade.

Aqui direcionamos o conceito de jogo dramático especificamente às áreas aplicadas da organização, instituição e escola, ou seja, áqueles que trabalham com grupos dentro de um contexto delimitado por regras e valores instituídos. Nesse sentido podemos defini-lo como uma atividade que permite avaliar e desenvolver o grau de espontaneidade e criatividade

do indivíduo, através das suas características, estados de ânimo e/ou emoções na obtenção e resolução de conflitos ligados aos objetivos propostos (pág.17).

Salienta Datner (2006) que os Jogos Dramáticos podem demonstrar e também alterar as compreensões que o grupo encontra de dificuldades. Se faz importante fazer uma análise do grupo, para que se escolha o Jogo Dramático que mais se adequar a este grupo. O autor comenta que:

Em qualquer jogo o grupo vivência entusiasmo, curiosidade, motivação, descontração, tensão, concentração, atenção, espontaneidade, criatividade, recreação que se re-cria forças, ação, palavras que completam a ação, relações, observação, atenção, percepção, alegria, objetivo, organização, estrutura, material e ambiente (pág. 31/32).

Os jogos para Monteiro (2012) surgiram há bastante tempo, ele é cultural, lembra uma civilização de “índios, brancos e negros”. Estes mesmos jogos podemos brincar nos dias de hoje: “Peteca, Amarelinha, Ciranda, Cabo de guerra, Escravos de Jó, etc...”, faz parte do folclore brasileiro. “Quanto á conceituação de jogo, este é definido como um passatempo, um divertimento, uma atividade física ou mental que envolve regras para sua realização” (pág. 17).

Monteiro (2012) salienta que as aplicabilidades dos jogos dramáticos estão no contexto de trabalhos com grupos e trabalhos individuais, também nos demais casos:

- 1) como treino para o desenvolvimento da espontaneidade e da criatividade;
- 2) no trabalho em situações específicas da dinâmica grupal (agressividade, competição);
- 3) como facilitadores para a integração entre os participantes de um grupo e para a criação de vínculos;
- 4) no início no primeiro contato de um trabalho, o chamado quebra-gelo e;
- 5) no encerramento e na avaliação da atividade realizada (pág.19).

Para Monteiro (2012) o indivíduo depois de adulto perde ou excluiu o brincar do seu momento de vida. Este se percebe como uma pessoa adulta responsável, não necessitando mais de momentos assim, porém para Monteiro isso é um “grande engano!” (pág. 22). O jogo é importante, uma criança quando recebe para brincar um avião de papel acredita seriamente que ele vai voar. Sua realidade é a fantasia do momento, isso é extraordinário, porque no fundo ela sabe que é um avião de papel. Ao avançar passado do tempo vamos esquecendo esses momentos.

Por este motivo os Jogos Dramáticos são uma forma de resgate da espontaneidade e criatividade.

2.3.10 Fases da Sessão Dramática

Para Bustos (1990) a sessão psicodramática ocorre em três fases: Aquecimento, Dramatização e *Sharing* ou Compartilhar. Para uma boa sessão o aquecimento elaborado é de extrema importância para andamento do trabalho. Inicia-se o aquecimento inespecífico que se dá na hora do “encontro” inicial. Após, é dado o aquecimento específico no qual é o momento de fornecer as instruções ao paciente como caminhar, respirar profundamente, movimentar o corpo, é aonde se prepara para o protagonista sair em cena. Na Dramatização é o momento da ação, onde a partir do que o paciente trouxe é aplicado às técnicas. E o *Sharing* ou Compartilhar no qual é o momento que se pede ao grupo ou ao paciente que expresse o que sentiu, sendo que sua fala deve ser própria, sem alterações.

2.3.11 Instrumentos do Psicodrama

Para Gonçalves (1988) o psicodrama é composto por cinco instrumentos, que se trata do método utilizado e posterior técnicas psicodramáticas:

- Cenário: lugar que se dá a ação dramática, onde a mesma é constituída entre o Diretor e Protagonista. Deve ser decorado e composto de objetos conforme descrito pelo protagonista. Pode ser utilizado almofadas como objeto intermediário;

- Protagonista: é o paciente escolhido pelo grupo que vai para a ação. Representa o grupo em suas emoções;

- Diretor: Terapeuta que dirige a sessão psicodramática. O mesmo tem três missões: 1- dirigir a cena, 2- psicoterapeuta do grupo e do protagonista, 3- analista social que contribui com o grupo compartilhando do que foi percebido em consenso do grupo;

- Ego-auxiliar: pessoa a ser escolhida pelo protagonista a fazer o papel em cena.

- Público: é o grupo que se encontra na sessão terapêutica, auxiliando no momento do compartilhar. Com seus comentários pessoais o protagonista e todos do grupo farão uma reflexão do que foi trabalhado.

2.3.12 Técnicas psicodramáticas

Segundo Bustos (1990) as técnicas psicodramáticas tiveram uma ampliação onde algumas pessoas que a utilizam não sabem quem é o criador. Sendo assim um privilégio, pois se constatou a eficiência das técnicas e seu uso por muitas pessoas. “A profundidade com que se estabelece o trabalho depende da configuração do grupo” (pág. 18).

Para Bustos (1990) se entendermos o seu conceito, chegaremos às técnicas psicodramáticas, sem perder seu fundamento. Bustos comenta do seu ensinamento recebido por Moreno:

1 - Os indivíduos não vivem se isolados e sim apresentam relações com grupos, familiares, instituições ou entre indivíduos no seu trabalho;

2 - Em virtude disso pode ser dito que primeiro virá o grupo. E que esses grupos mantêm uma relação próxima;

3 - Sendo as expressões internalizadas que compõe os ajustes entre as pessoas;

4 - O eixo está no processo dos indivíduos, tem uma ação entre todos;

5 - O recurso da ação executada em grupos corresponde, pois o “outro” existe;

6 - A natureza do “encontro” se dá fortemente em duas técnicas “troca de papéis”, onde o indivíduo se coloca no lugar do outro e o “duplo” o diretor ou o ego-auxiliar se passam através da fala pelo protagonista;

7 - O compartilhar, onde cada um faz um comentário sobre si mesmo do que lhe tocou. Este momento é altamente reflexivo, pois não é só dito o que sentiu, mas sim ele proporciona uma afirmação para si mesmo.

8 – Para tanto o psicodramatista tem como propósito o de alterar as compreensões de conflito que são sérias, na busca de outras soluções possíveis.

Bustos salienta que “Esses oito pontos fazem parte da sequência que interliga a filosofia, a teoria e a técnica” (pág. 28).

* Técnica do Solilóquio

Para Cukier (1992) é uma técnica fácil de ser utilizada e que pode dar uma direção ao psicoterapeuta de como seguir a dramatização. Nesta técnica se pede ao paciente que comente o que está pensando em voz alta.

Segundo Moreno (2006) o solilóquio terapêutico “É a retratação de diálogos e ações paralelas, de pensamentos e sentimentos ocultos, acompanhando pensamentos e ações abertamente expressos” (pág. 381). Trata-se de um solilóquio do protagonista do que está pensando no momento.

* Técnica do Duplo

Para Cukier (1992) “o objetivo do duplo é entrar em contato com a emoção não verbalizada do paciente, e às vezes até não conscientizada, a fim de auxiliá-lo a expressá-la” (pág. 40). É dito ao paciente que por um momento passará a ser ele, deixando de ser a terapeuta.

* Técnica do Espelho

Cukier (1992) cita que a técnica do espelho envolve o psicoterapeuta se apropriar do movimento do paciente, como uma imitação, com a finalidade do paciente se ver. Tem a finalidade de permitir ao paciente estar fora da cena com a visão de si mesmo, observa a cena e os detalhes, do que está ocorrendo e terá uma percepção de fora.

* Técnica da inversão de Papéis

Para Cukier (1992) esta técnica oportuniza o paciente a ocupar o lugar do outro, com uma representação através da fala de outra pessoa que tenha trazido em sessão. Nas clínicas é possível que esta técnica seja a mais empregada. Possibilita vivenciar se colocando no lugar do outro e ora estar em seu próprio papel. Desta forma o paciente não falará somente do outro, mas se colocará no lugar dele. “Moreno dizia que é a inversão ou troca de papéis era o que propulsionava o psicodrama” (pág. 44).

Moreno (2006) comenta que pacientes podem apresentar dificuldades em serem espontâneo em seu papel. Porém ao realizarem a troca de papel com seu filho ou esposa ou outra pessoa, por exemplo, estes podem muitas vezes se tornarem muito mais espontâneos. Moreno inclusive menciona que através da troca de papéis e conseqüente promoção da espontaneidade surgem benefícios a este e ao grupo ao fazer o seguinte comentário. “Sua expressividade crescerá à medida que aumenta sua espontaneidade” (pág. 377).

* Técnica da Maximização

Nesta técnica se pede ao paciente que amplie, alargue, maximize o gesto que eventualmente vier a fazer durante a sessão (CUKIER, 1992). Não se restringe à gestos, pois poderemos solicitar que o paciente maximize uma expressão facial, uma verbalização, um som, movimento, etc...

* Técnica do trabalho com Tecidos

Segundo Rebouças (2012) a técnica criada pelo médico psiquiatra e psicodramatista Rojas Bermúdez foi em 1960 através de pesquisas na neurociência, sobre a criação que a mente humana proporciona. “O surgimento da técnica está relacionado com questões levantadas por Bermúdez, a partir do psicodrama clássico, da ideia de catarse e da intervenção pela dramatização” (pág. 146). O

paciente faz a construção de imagem, se percebe uma originalidade interna da pessoa, pertence somente a quem faz a construção, desta maneira o psicodramatista não deve questionar o resultado do conteúdo trazido através dos tecidos. Tem possibilidade de o paciente concretizar seus conteúdos internos e vê-los de fora, proporcionando uma compreensão sobre ele mesmo e fazendo uma conexão de significados.

* Objeto Intermediário

Schmidt (2006) nos afirma que o objeto intermediário é um recurso criado em 1970 por Rojas Bermúdez e tem como objetivo facilitar a comunicação em pessoas que venham a demonstrar alguma dificuldade de expressão. Bermúdez utilizou-os em hospitais com pacientes psicóticos com sucesso. Menciona ainda que este recurso refere-se ao “limite psicológico da personalidade” (pág. 2) que irá atuar como uso protetor para a limitação de “si mesmo”. Sobre isso Bermúdez relata (1970, *apud* SCHMIDT, 2006):

Dessa forma, o Objeto Intermediário sugere a utilização de uma infinidade de materiais como música, papéis, figuras, desenhos, entre outros que aplicados sob uma diversidade de técnicas como dançar, pular, desenhar, recortar, colar, imaginar, modelar, dentre outros, favorecem o envolvimento dos participantes, o aparecimento da comunicação (verbal e não verbal) e a expressão dos sentimentos (pág. 2).

Schmidt (2006) cita que Rojas Bermúdez promove a criação de oito considerações para citar as características do objeto intermediário, que são: “existência real e concreta, inocuidade, maleabilidade, transmissor, adaptabilidade, assimilabilidade, instrumentabilidade e identicabilidade” (pág. 2). Dessa forma, os indivíduos envolvidos nas atividades com objetos intermediários passam a possuir um atenuante como um “aquecimento” e interagir sem perceber o quanto estão envolvidos com suas questões.

3. METODOLOGIA

A pesquisa desenvolveu-se baseada na metodologia qualitativa com objetivo exploratório, tratando-se de um Estudo de Caso. Teve sua prática a utilização da teoria como parte integrante na compreensão da questão apresentada pelos participantes e a modificação que se pretendia. Neste tipo de pesquisa qualitativa conforme menciona Godoy (1995) não há preocupação com dados extraídos a partir de números ou medições, nem informações através de dados estatísticos, nem se faz uma análise de dados. Esta, porém é feita através da observação das ações que vão desenvolvendo a cada encontro, envolvendo a extração de informações que vão surgindo sobre cada indivíduo, surgem, portanto dados descritivos. “...lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos” (pág. 58).

Esta pesquisa foi dividida em dois momentos que podem ser compreendidos de forma estrutural. O primeiro momento ocorre na fundamentação teórica onde toda a pesquisa foi baseada pela teoria e método psicodramático de Jacob Levy Moreno, suas técnicas, bem como o uso da técnica do tecido, recurso de objetos intermediários e os jogos dramáticos. A pesquisa tem por interesse avaliar um público pouco explorado, idosos que apresentam limitações motoras e baixa visão, para assim identificar se os pressupostos morenianos atingem este público de maneira eficaz. O segundo momento se dá através da pesquisa em campo, realizado numa casa de Repouso para Idosos, situado na cidade de Joinville. Trata-se de uma pesquisa-ação, onde se quer desenvolver a pesquisa de forma a trabalhar com um grupo pela ação.

Afirma Tripp (2005) que a pesquisa-ação pode ser considerada uma investigação-ação, pois trata de um método para melhorar a prática através da investigação. Diante disso Tripp (2005) cita “Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no decorrer do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação” (pág. 445/446).

O público alvo para amostragem desta pesquisa foi composto por cinco idosas na faixa etária de 75 a 91 anos, com limitações físicas (limitação motora e baixa visão), destas duas são cadeirantes e duas utilizam bengala.

Esta pesquisa teve a *Delimitação do Universo*, momento este que se pensou na quantidade de público e as suas limitações, para ser trabalhado, como afirma Bernardes (2017) "... nas amostras por conveniência a quantidade de sujeitos fica a critério do pesquisador, de acordo com as especificações e restrições de seu projeto" (pág.143).

Na casa Lar no primeiro encontro foi realizada entrevista individual com cada idosa do grupo, com objetivo de conhecer as integrantes, sua história de vida, o tempo que estavam na casa e como se sentia neste local. Exposto como se daria os encontros e se elas concordavam na participação. Os dados foram coletados nos meses de setembro e outubro de 2018, com dois encontros semanais, sendo nas segundas e terças feiras no período da tarde, com a duração de uma hora cada encontro.

A cada encontro pode se perceber através das intervenções pela ação como o grupo se desenvolvia como cada participante estava em processo, através das falas no transcorrer da atividade ou no final dos encontros ao compartilhar o que acharam sobre as atividades propostas. Bem como, a observação da psicoterapeuta no retorno das integrantes no final de cada encontro.

A pesquisa foi fundamentada pelo método do psicodrama de Jacob Levy Moreno que contempla as fases do psicodrama como: aquecimento inespecífico, aquecimento específico, a dramatização e o compartilhamento ou *sharing*. Nos encontros foram disponibilizados materiais didáticos conforme a temática que naquele dia fora preparado. Utilizada na casa Lar, uma mesa grande na sala com espaço para as cadeirantes, deixando todas bem instaladas.

A proprietária da instituição assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a realização da pesquisa na instituição.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS ENCONTROS

Esta pesquisa tem como objetivo trabalhar com idosos com limitações físicas pela abordagem do psicodrama, e como as técnicas poderiam atender este público. Neste capítulo será relatado como ocorreram estes encontros, a partir da formação do grupo de idosos numa instituição asilar na cidade de Joinville. O trabalho foi realizado totalizando doze encontros, ocorrendo nas segundas e terças feiras à tarde com duração de uma hora cada encontro, nos meses de setembro e outubro de 2018. Os encontros foram sempre temáticos e definidos pela psicoterapeuta.

O grupo foi composto por cinco senhoras entre as idades de 75 e 91 anos. Para preservar a identidade foram adotados nomes fictícios para as mesmas. Os quais foram: **Olinda, Lurdes, Frida, Dulce e Valentina**. Dentre as integrantes do grupo, duas são cadeirantes e duas utilizam bengalas para caminhar, pois apresentam dificuldades de locomoção. As idosas mencionaram que possuem baixa visão.

Na entrevista individual com cada idosa, pode-se perceber que as mesmas ficavam muito tempo do dia em seus quartos, não havia diálogo entre elas e pela dificuldade de visão não faziam nenhum trabalho manual como bordado, leitura ou assistir televisão. Citado por parte da equipe de enfermagem que havia brigas/discussões entre as idosas.

Diante desses pontos, percebeu-se uma necessidade de resgate desta sociabilidade, até por estarem ali neste ambiente que muitas vezes não as agrada, mesmo sabendo que os filhos não podem cuidar tão bem quanto ali são cuidadas. Suas falas trazem saudades de casa, do seu jardim, do que faziam.

De acordo com Costa (1998) não se poderia pensar que a espontaneidade com o passar dos anos enfraquece, mas o que surge são as conservas culturais que vão se evidenciando de forma automática e fazendo restrições para o aparecimento da espontaneidade. Segue relatos dos doze encontros grupais.

4.1 PRIMEIRO ENCONTRO

No primeiro encontro o objetivo foi me apresentar e conhecer os idosos, o ambiente, as instalações da casa, a história de vida dos idosos e o tempo que estavam no Lar. Será descrito os dados referentes às pacientes:

Olinda com 91 anos, está há três anos na casa Lar, teve quatro filhos, sendo dois falecidos. Em suas falas traz muitas saudades da sua casa, mas sabe que não pode ficar sozinha, pois os filhos moram em outra cidade e se sente bem cuidada no Lar. É viúva há onze anos. Fala da Bíblia e do quanto se apegou a Deus nesses três anos que está no Lar. Não costuma sair do quarto, somente nas refeições quando a buscam. É cadeirante, e pela dificuldade de visão, não consegue ler, bordar ou ver televisão.

. **Lurdes** com 85 anos, está há dois meses no Lar, têm dois filhos, sendo um falecido. Alugou sua casa e disse ao filho que com o dinheiro do aluguel pagaria o Lar. Comentou que o filho e a nora não podem cuidar dela. Seu filho mais velho faleceu, cuidou dele por 24 anos, ela trabalhava e o sustentava. Gosta de estar no Lar, mas não conversa com ninguém e assim como **Olinda**, **Lurdes** não consegue ler, bordar ou ver televisão, pois tem dificuldade de visão.

. **Frida** está com 87 anos, há um mês no Lar, têm dois filhos. Menciona que sente saudades de casa, gostaria de ir para casa, mas sabe que os filhos não podem cuidar dela. A filha se aposentou e tem os seus compromissos. É viúva há onze anos. Estava morando com a nora e o filho, mas a nora também precisa cuidar de sua mãe. É cadeirante, tem muitas dores no joelho, tem baixa visão e por este motivo não faz leitura, não assiste televisão ou borda. Não costuma sair do quarto, fica boa parte do tempo deitada.

. **Dulce** com 75 anos, esta no lar há quatro meses, têm cinco filhos. Fica o dia todo no lar e a noite um dos filhos a busca para dormir na sua casa. Sente saudade da sua casa, sempre trabalhou na roça e cultivava hortaliças. Seu marido faleceu há doze anos. Não tem contato com os demais do Lar. Tem dificuldades para caminhar, usa muleta, tem baixa visão, não consegue ler, bordar ou ver televisão. Pode-se perceber que a senhora **Dulce** é reservada, fala pouco.

. **Valentina** com 75 anos, solteira e trabalhou a sua vida toda na maternidade como técnica de enfermagem, cita que sente falta da sua casa. Quando veio para o Lar sua sobrinha lhe disse que iriam reformar seu apartamento. Ela menciona “estou aqui há quatro meses”. Percebe-se tristeza em suas falas. Teve paralisia infantil quando era criança o que fez com que o seu lado direito ficasse imobilizado, mas segundo suas palavras: “sempre foi possível trabalhar”. Cita que não casou porque sempre se dedicou aos seus plantões e gostava do que fazia. Diz que conversa pouco com a sua companheira de quarto, (sua companheira de quarto é a senhora **Frida**). Anda com dificuldade e usa muleta, tem dificuldades na visão e, portanto, não lê, não vê televisão ou borda.

Diante dos fatos, nos cita Costa:

O indivíduo que dá os primeiros passos pela fase da meia-idade ou ingressa na terceira etapa da vida é alguém que viveu pelo menos cinquenta anos de existência. Carrega consigo uma gama de experiências (positivas, negativas), um outro infindável número de sentimentos e sensações com respeito a si mesmo, ao outro, às coisas. Tem um passado que pode ter sido rico ou pobre, triste ou alegre, produtivo ou improfícuo (com suas nuances variando conforme o dia, a hora, o tempo, os acontecimentos). Tem um presente aparentemente conhecido e um futuro indeterminado, cuja única certeza é a sua morte (com data ignorada) (1998, pág.109).

Exposto a proposta de trabalho e mencionado o termo de consentimento a todas participantes, que aceitaram o convite, mas sem muito entusiasmo. Observou-se que as idosas precisavam deste acolhimento, o que seria feito em breve.

Sobre a entrevista diz Moreno (1997) “A finalidade da primeira entrevista é chegar rapidamente à essência da questão e encontrar a pista para o problema crucial” (pág. 387).

As idosas aceitaram conversar com a psicoterapeuta neste primeiro encontro sem objeção. Suas falas eram breves, apenas respondiam o que lhes era perguntado.

4.2 SEGUNDO ENCONTRO

O ambiente para os encontros era constituído de uma sala com aproximadamente 40m, com uma mesa retangular comprida. O espaço era adequado para o público e as cadeirantes sentiam-se confortáveis. Todos os encontros foram nesta sala e mesa.

Neste encontro buscou-se cada integrante do grupo em seus respectivos quartos. Este “buscar” envolvia ajudar a colocá-las na cadeira de roda, levá-las ao banheiro se precisassem e mesmo de muleta ajudar levantar da cama e se direcionar a sala. Apenas as senhoras **Valentina** e **Lurdes** se direcionaram sozinhas à sala.

Este encontro iniciou com o *aquecimento inespecífico*, como é um grupo com limitações físicas, os aquecimentos sempre foram com as senhoras sentadas próximas à mesa. Foi solicitado ao grupo que segurassem as mãos, olhassem nos olhos de cada uma e com um aperto de mão dissessem: boa tarde! Notou-se que o grupo neste momento respondeu as ações de forma ainda tímida.

Para uma melhor compreensão sobre o *aquecimento inespecífico*, ressalta Gonçalves (1988) “... colocam-se durante a fase de aquecimento inespecífico, a serviço da apreensão do clima afetivo-emocional e da escuta daquilo que é dito, consciente e inconsciente, pelos membros do grupo” (pág. 79).

O *aquecimento específico* ocorreu quando a diretora cita que na entrevista individual ocorrida no dia anterior à tarde, foi possível constatar que todas têm uma história de vida grandiosa, com muitas conquistas, batalhas, alegrias e dificuldades e que é possível perceber que elas têm momentos semelhantes e que agora vive outra fase da sua vida neste Lar, tendo a oportunidade de fazerem novas amizades. Neste momento a senhora **Lurdes** cita “precisamos de ajuda e em casa não temos”. Diante disso menciona Costa:

Esses idosos, fechados em si mesmos, ignoram que, embora maduros, já tendo vivido metade ou mais da metade de sua existência, deveriam vivenciar a vida sempre como um novo dia em que ainda é possível o homem desenvolver-se como pessoa, com direitos de criar, usufruir, experienciar. Caso contrário, seu relacionamento com pessoas de sua idade (ou mais jovens) tornar-se-á muito mais difícil, quase impossível (1998, pág., 63).

Para o momento da *dramatização* foi colocado sobre a mesa lenços de seda coloridos e dito a consigna: *Escolham uma cor que represente algo para vocês*. Na técnica os tecidos são disponibilizados e os membros do grupo escolhem mobilizados pelas diferenças nas cores e nos estímulos que estas causam ao cérebro. Todavia, quando se trabalha com pessoas com baixa visão é necessário nominar as cores de forma que cada qual escolha a cor que ouve, em harmonia com a cor do tecido que escolhe. Desta forma observa-se que, de fato, “enxergar” a cor do tecido pode ser substituída por “ouvir” a cor do tecido. Assim, tomou-se o cuidado de pegar cada lenço e mencionar as suas cores em voz alta, para que mesmo aquelas com dificuldades de visão pudessem saber a cor verdadeira de cada lenço.

Foi instruído que cada integrante do grupo escolhesse um lenço pela cor e comentasse o motivo pelo qual havia escolhido aquele lenço de uma dada cor. Sobre a técnica do uso de tecidos é mencionado por Bermudez (*apud* REBOUÇAS),

Esta técnica favorece objetivar partes do mundo interno do indivíduo, ao mesmo tempo da lugar ao fenômeno de “referência” que desencaderna novas reações e experiências com relação ao material apresentado e também são frequentes respostas emocionais que se originam dessa mobilização interna. (2012, pag.147).

Olinda escolhe o amarelo e diz que esta cor lhe traz “tristeza”, pelo fato de lembrar-se dos seus dois filhos que estão vivos, um com 62 anos e outro com 76 anos, e não estão bem de saúde. Esta menciona “tenho muita preocupação”. Perguntou-se em seguida a ela, “o que a senhora pode fazer diante disso?”. Ela responde “posso orar, Deus é o protetor, só ele pode cuidar deles agora e eu posso orar”. **Frida** escolhe o lenço vermelho e diz que gosta desta cor falando: “é uma cor muito bonita”. Traz que é uma cor alegre, tem algumas peças de roupa nesta cor. **Valentina** escolhe o lenço de cor azul escuro e diz: “sempre gostei do azul, tive muitas roupas nesse tom, pensei no branco que tanto usei no meu trabalho quando enfermeira”. Perguntado a ela se pode falar sobre seu trabalho ao grupo e a mesma responde de forma afirmativa. **Valentina** fala de sua experiência de trabalho em vinte e cinco anos como enfermeira na maternidade. Ela comenta que adorava sua profissão, e sente saudades. Neste momento a senhora **Frida** fala ao grupo “enfermeira como a Raquel que cuida da gente, e nós, às vezes, precisamos esperar ela cuidar de todos aqui”. **Dulce** escolhe o lenço verde escuro e diz que gosta do

verde. Sua fala é bem baixa e sai com dificuldade. Aproximo dela e pergunto se aquela cor lhe traz alguma memória. Ela expressa com um sorriso tímido e diz “lembra a natureza”. **Lurdes** escolhe a cor lilás e fala “é a cor do Espírito Santo, trabalhei muito na igreja costurando roupas”. Pergunto em seguida a ela se poderia falar mais sobre isso. A senhora **Lurdes** traz que há muitos anos não vai mais à igreja, mas trabalhou por muito tempo lá e se sentia bem fazendo os trabalhos e ajudando quem precisasse nas campanhas que a igreja fazia.

Durante o encontro o enfermeiro veio aferir a pressão das integrantes do grupo. Notou-se que houve falas paralelas durante este momento como, por exemplo: “quanto estava a sua pressão”, “a minha esta boa”.

No *compartilhar* falou-se da importância de conhecerem melhor a pessoa que estava conduzindo a terapia e se conhecerem. Solicitou-se que em uma palavra mencionassem o que acharam da tarde e as respostas obtidas foram: “foi bom”, “boas lembranças”, “a senhora tem muito para nos ensinar”, “pensei que seria difícil”, “legal”.

Neste encontro a proposta foi trabalhar a identificação do EU, segundo Yozo (1996) é o período que a criança esta na fase da indiferenciação, sendo o ego-auxiliar a Mãe, pois não há uma separação do Eu para o TU, o indivíduo só vê a si mesmo.

Percebeu-se que o grupo estava se reconhecendo, suas histórias de vida apresentavam pontos em comum. Portanto, neste encontro observou-se aproximação entre elas, suas falas estavam sendo compartilhadas.

4.3 TERCEIRO ENCONTRO

Neste encontro o *aquecimento inespecífico* se mostrou mais calmo que o anterior. As integrantes do grupo se deram as mãos, se olharam e apertando as mãos disseram: “boa tarde!”, porém desta vez notou-se menor timidez. No *aquecimento específico*, solicitou-se que fechassem os olhos, respirassem de forma profunda, e que percebam como sentem seu corpo. Perguntado se algum lugar

estava doendo, caso sim que estas fizessem massagem em si em pensamento (uma consciência corporal). Peço que pensem na sua infância, nos seus brinquedos, com quem brincavam até aos doze anos. Para esta situação nos cita Cukier (1992) “Vale-se então de um aquecimento específico, com objetivos e consignam mais precisos, visando a preparação do paciente para a dramatização” (pág. 35).

Para a *dramatização* foi disponibilizada sobre a mesa brinquedos antigos, comum entre elas. Para citar alguns havia entre eles: dominó, xadrez, baralho, trilha, ludo, bolinhas de gude, peão, peteca, caneco, estilingue, carrinhos, bonecas de pano, cinco marias, chaveiros, corda de pular, etc... Solicitado as integrantes do grupo que escolhessem um ou mais brinquedos que lhes lembrassem do momento da sua infância.

Iniciou-se dando uma introdução do que é solicitado, através de um modelo, a Diretora faz sua escolha e a justifica. Escolhe a boneca de pano e diz que se lembra dela, pois sua tia fez uma boneca de crochê e lhe deu de presente. Gostava de brincar e dormia com a boneca, lembra que tinha ciúmes e tem todo o cuidado e a guarda com carinho. Esta fala serviu para auxiliar as integrantes do grupo como cada uma poderia falar a partir do brinquedo escolhido, deixando assim elas menos ansiosas com receio de falar.

Diante disso, cita Perazzo (*apud* COSTA, 1998) “Para que uma dramatização ocorra é necessário que o grupo, e em particular o protagonista, possa movimentar-se simultaneamente no plano da realidade objetiva e no plano do imaginário...” (pág. 111).

Cada integrante falou sobre sua escolha do brinquedo:

Valentina escolhe a peteca e as bolinhas de gude e comenta ao grupo que jogava peteca na escola com amigos e bolinhas de gude as utilizava para brincar em casa com os irmãos. Segundo ela não era permitido entrar na escola com bolinhas de gude, a diretora recolhia. Em casa fazia buracos com o dedo no barro, onde a bolinha de gude caía. Lembrou-se de outra brincadeira onde pulava amarelinha com as amigas.

Antes de pegar um objeto **Olinda** fala que quando criança era muito pobre e morava perto de um morro. Esta menciona que usavam casca da palmeira

para escorregar no morro e acrescenta: “era muito bom”. **Olinda** escolheu o dominó e suas lembranças foram com os irmãos. Lembrou-se também de uma boneca pequena de plástico e comenta: “aquelas que se comprava sem roupas, vinham peladinhas”. O grupo se manifestou que também se lembravam dessas bonecas.

Dulce antes de pegar o objeto comentou que esta jogava bolinhas de gude na escola. Neste caso, porém escolheu o baralho e comentou que este traz lembranças de seus irmãos. **Dulce** fala pouco e se manifesta apenas quando estimulada. Logo, incentivo para que esta se comunique com o grupo.

Diante dessa questão de pouca comunicação, Costa (1998) salienta, “Deve-se levar em conta que um dos propósitos da psicoterapia psicodramática grupal é dilatar as possibilidades de comunicação e a relação dos indivíduos, ampliando sua rede sociométrica e seus papéis sociais” (pág. 74).

Em seguida **Frida** faz a escolha da corda de pular. Segunda ela, lembra-se do período que pulava corda junto com a sua amiga. A idosa faz a seguinte menção: “às vezes chegávamos a pular as duas ao mesmo tempo”. Em todo seu discurso nota-se que ela se manifesta com sorriso, dizendo o quão bom era esse tempo.

Os brinquedos foram então entregues a **Lurdes** que inicialmente trouxe ao grupo que quando tinha doze anos trabalhava na roça com os irmãos. Ela menciona que gostava de correr pelo pasto e tomar banho no rio após o serviço. Esta fez a escolha do jogo ludo e comenta que jogava com as amigas e irmãos.

O grupo mostrou-se descontraído e houve momentos de risos. As integrantes falaram e expuseram com tranquilidade suas lembranças. Neste encontro pode-se perceber que já não havia ansiedade e receio do que seria feito, denotando que o grupo está saindo da fase do Caótico e Indiferenciado, e efluindo para a fase da simbiose. Delimitado por Fonseca (1980) que não há uma identidade pessoal completa nesta fase, mas o grupo caminha para ganhar seu reconhecimento e reconhecer o outro e o mundo, permanece o elo de ligação EU - TU.

Ao *compartilhar* falou-se da importância que se pode dar durante as vivências trazidas por todas e o quanto que cada uma tem de história para compartilhar.

Foi pedido que estas em uma palavra digam como foram essas lembranças. Entre suas falas estão:

“Muito bom”, “Saudades”, “Lembranças”, “Tempo bom” e “Saudades de ser criança”

4.4 QUARTO ENCONTRO

Para o *Aquecimento inespecífico* foi solicitado que elas deem as suas mãos e fechem os olhos, como nos encontros anteriores. Porém neste, encontro também foi pedido para que estas notassem o toque das mãos de suas companheiras e se estavam quentes ou frias. Também se pediu que respirassem fundo pelo nariz e soltassem pela boca. Solicitou-se que pensassem no que faziam até os seus 25 anos, festas que foram como foram, quem estava na festa, etc. Por fim convidou-se que abrissem os olhos e ainda de mãos dadas dissessem: “boa tarde”!, olhando para cada uma das integrantes do grupo. Este aquecimento dá início ao Reconhecimento do EU- e do TU, com vista a sair da simbiose.

Para o *Aquecimento específico* foi colocado objetos sobre a mesa com o tema de algumas festas comemorativas. Entre eles estavam: enfeites de natal, enfeites de páscoa, carnaval, festa de Nossa Senhora, festa junina, festa de casamento e aniversários. Foi comentado sobre cada objeto exposto e que neste encontro o intuito era conversar sobre festas que prestigiaram até os 25 anos de idade. O início se deu a partir da história da Diretora que em sua juventude, na escola aos 14 anos, foi escolhida para participar da dança da quadrilha, tímida e com vergonha pelos olhar dos amigos que estavam observando. Gostava das festas juninas, ajudava fazendo bandeirinhas e decoração.

Realizou-se o aquecimento específico, ao tempo em que cada objeto é descrito para facilitar aos que possuem baixa visão, elas tem acesso aos objetos para toque. Desta maneira, ao tocar possam sentir os elementos decorativos das

festas. Estes elementos funcionam como objetos intermediários, estimulando a memória cognitiva e emocional. Solicito que cada integrante correlacione o objeto escolhido à memória que este traz, bem como apresentem para o grupo. À medida que iam comentando faço o papel de Diretor, na função de analista social, dando apoio as suas falas para que estas pudessem se sentir tranquilas quando estavam falando.

As falas no encontro estão dispostas abaixo.

Lurdes fala que ao ver os enfeites de Natal lembra que esta data sempre lhe foi especial e comenta “comida boa e farta”. Sua mãe fazia bolachas e ela e sua irmã ajudavam a mãe. Lembrou-se também da compra de presentes para seus filhos, guardava o dinheiro pensando nesta época.

Valentina cita que se lembra da festa junina na escola, das danças de quadrilha porque gostava muito de música e dança. A idosa faz a seguinte fala “E as comidas também não podia ficar só olhando”. Neste instante com esta fala o grupo se põe a risos.

Sobre os papéis assumidos Costa (1998) no afirma: “O comportamento dos idosos diante da tomada de um papel depende, basicamente, a meu ver, das características de sua personalidade” (pág. 128).

Olinda disse que em casa sempre fez pinheiro de natal para seus filhos, porém quando morava com sua mãe, esta não fazia pinheiro de natal. Lembrou-se das bolachas de natal que enchiam uma lata grande. As bolachas eram enfeitadas com glacê. De acordo com ela, sua família era muito pobre, não tinham presentes, mas felizmente tinham sempre comida boa. Também se lembrou da festa do seu casamento que tinha muitos convidados. Ela comenta que foi casada por 66 anos e há onze anos está viúva. A idosa faz a seguinte fala: “ele foi um ótimo marido”. Neste momento a **Lurdes** fala que também se lembrou do seu casamento “mas não teve festa, não deu tempo” cita rindo que estava de “paquera” com um rapaz que logo no início lhe disse que ela seria sua mulher. Ela ficou admirada e em quinze dias se casaram. Neste momento se percebeu que o grupo se encontrava mais descontraído do que no início do encontro.

O fato de um membro do grupo se identificar com outro quer seja pela semelhança ou pelas diferenças vão permitindo a cada um fazer o reconhecimento do EU e do TU.

Frida trouxe das festas juninas na escola e fala “tempo bom!”. Falando sobre o natal, cita que até hoje enfeita sua árvore e comenta: “gosto muito deste período”. Ela menciona que também fazia e enfeitava bolachas neste período de natal.

Dulce fala pouco, e é estimulada a falar mais. Ela comenta brevemente que também fazia pinheirinho de natal e gostava de fazer bolachas no natal e de enfeitá-las.

Neste encontro foi trabalhada a percepção do EU (EU-EU) pensando na estruturação do EU e da mesma maneira nos papéis sociais que cada uma do grupo poderia ampliar. Sobre papéis sociais nos diz Rebouças (2012) “A estruturação do EU e dos papéis sociais leva o indivíduo para fora do meio familiar e a põe em novas redes relacionais (escola, grupos de amigos, etc.) e demandas sociais diversas requerem pautas novas de comportamento” (pág. 145).

Ao compartilhar no final do encontro pediu-se novamente que digam ao grupo como se sentiram com as lembranças trazidas. Quanto ao compartilhar, Gonçalves (1988) cita “Nessa etapa cada elemento do grupo pode expressar: em primeiro lugar, aquilo que o tocou e emocionou na dramatização, os sentimentos nele despertados...” (pág.102).

E pronunciam-se com as seguintes falas: “já não tinha mais lembranças de nada, foi bom”, “foi legal lembrar”, “saudades das bolachas”, “gostei”, “foi bom”.

Quanto ao uso do material disponibilizado na sala para a dramatização, nos traz Costa que:

Em geral, quando participam de um jogo dramático, gostam muito de fazer uso desses materiais. Tais recursos enriquecem a dramatização, possibilitando leituras bem claras dos motivos que levaram um determinado indivíduo a escolher este ou aquele objeto. Podem também funcionar como objeto intermediário, como expressão de conteúdos latentes, para objetivar fantasias inconscientes, como caracterização de construções simbólicas e para definir ou esclarecer para si e para o outro significados específicos de sua realidade atual (1998, pág. 97).

Pode se observar que neste encontro as participantes estavam mais alegres e dispostas. O grupo ainda se encontrava na fase do Reconhecimento do EU, se encaminhando para o Reconhecimento do Tu.

4.5 QUINTO ENCONTRO

Neste quinto encontro o *aquecimento inespecífico* foi através da técnica do maestro. É explicado no início que a Diretora fará o papel semelhante a um maestro e que dará comandos a respeito do que as idosas deveriam fazer. Dou a ordem para que duas idosas batessem palmas, duas batessem na mesa com as mãos fechadas e a outra batesse as duas mãos abertas na mesa. As batidas deveriam ser intercaladas para que um som não atrapalhe o outro. Solicitou-se que batessem com mais força para que o som fosse mais alto e que as batidas fossem mais sincronizadas. Por fim peço que se cumprimentem. Foi possível notar entre as participantes sorrisos espontâneos. Teve como objetivo este aquecimento proporcionar uma maior desenvoltura corporal entre as participantes, pois as mesmas em alguns momentos se encontravam com seu corpo tendo uma postura rígida, até pela falta de mobilidade física.

Para o *Aquecimento específico* foi lembrado tudo o que foi trabalhado e vivenciado na reunião anterior, em especial foi trabalhado o tema festas e, dentre elas, a mais destacada foi o natal, como um momento de muitas recordações. Assim, aproveitando a motivação grupal, trouxe à mesa bolachas de natal sem enfeites, glacê para o enfeite, confetes coloridos para decorações, pinceis para as bolachas e guardanapos. Pode-se perceber que as idosas responderam de forma muito positiva ficando admiradas com que estava próximo a ser feito.

Na dramatização, conforme pintam as bolachas, a Diretora as auxiliou na colocação dos confetes, glacês etc. Este auxílio era dado devido à dificuldade de visão das idosas, entretanto, notou-se, que em nenhum momento elas comentaram que não poderiam realizar o trabalho. Embora ainda não tivessem consumido alguma bolacha houve um momento onde uma das idosas comentou que o glacê estava gostoso já que seus dedos também estavam cobertos por glacê. Neste momento percebeu-se risos pelos participantes do grupo.

De acordo com Moreno (1997), é importante que o Diretor dê uma certa liberdade ao(s) protagonista(s) ou ao grupo para agir de forma a intervir o mínimo necessário, permitindo a expressão máxima de sua criatividade e espontaneidade. Todavia, para um grupo de pessoas com limitação física a ajuda é pertinente e não inviabiliza o processo de criatividade, mas, ao contrário permite que possam trabalhar dentro de suas possibilidades físicas, criando espaço para a manifestação da espontaneidade e criatividade.

As participantes não tiveram pressa. Alguns momentos a sala ficou em silêncio, pois estavam concentradas. Estavam todas entusiasmadas com o que estavam fazendo e notou-se que ninguém precisou sair para ir ao banheiro e tampouco tinham pressa de acabar. Enquanto não haviam acabado todas as bolachas que estavam disponíveis a atividade prosseguiu com o máximo de concentração, atenção e interesse, não se falando em parar. As idosas perguntaram se as bolachas iriam ser secas e ao que a Diretora responde afirmativamente, bem como informa que seriam trazidas para o café da tarde do dia seguinte.

Diante desses momentos de concentração e desempenho de um papel, Costa (1998) cita, “Na cena dramática o papel é desempenhado a partir da atribuição ou escolha de algum papel feito por ele mesmo ou alguém, seja atuando nos jogos dramáticos ou nos trabalhos como protagonista” (pág. 129).

No *sharing* perguntou-se às participantes como foi fazer as pinturas nas bolachas e responderam da seguinte forma.

Olinda disse “fazia muita bolacha quando jovem enchia uma lata grande, foi muito bom lembrar o passado”. **Olinda** trouxe que o tempo passou rápido demais.

Valentina cita “nunca tinha pintado bolacha e foi muito gostoso”.

Lurdes fala “voltei a minha juventude, fazia em casa com minha irmã e mãe, saudades”.

Frida comentou “adorei fazer, lembrei bastante quando fazia em casa, o natal com as crianças, muito bom”.

Dulce traz “já fiz muitas vezes bolacha, gostei ficaram lindas”.

Diante da ação cita Moreno (1997) “A espontaneidade pode estar presente numa mesma pessoa tanto quanto pensa como quanto sente, ao descansar tanto quanto ao dedicar-se a uma determinada ação” (pág. 163).

Neste dia também chamou a atenção da Diretora, o fato de que ao retirar a senhora **Olinda** da sala, sendo ela cadeirante, ela solicita: “me faz um favor, veja com dona **Frida** se ela quer ir lá fora comigo no pátio”.

Este momento foi interessante e demonstrou uma quebra de paradigmas visto que as sessões despertaram o interesse para que as duas se socializassem. Deixou-se as duas lá fora e foi perceptível que as senhoras **Valentina** e **Lurdes** estavam também juntas no sofá da sala. Esta foi mais uma manifestação de que o psicodrama e suas técnicas facilitam a socialização dos indivíduos, permitindo que saiam do isolamento de seus quartos e se comuniquem entre si. Assim, mais uma vez, mesmo antes do fim das sessões, percebeu-se que as técnicas do Psicodrama poderiam de fato atender um público com limitações físicas.

Sobre grupo Gonçalves (1988) faz a seguinte menção “O grupo em seu contexto, pode representar a “miniatura” ora de uma família, ora de uma sociedade, ou, ainda, constituir-se como uma nova Matriz de Identidade” (pág. 98).

4.6 SEXTO ENCONTRO

No sexto encontro a senhora **Frida** não pode participar, pois estava na cama com dores no joelho e pediu desculpas por não poder participar.

No *aquecimento inespecífico* foi novamente utilizada à técnica do Maestro. Foi dada a instrução semelhantemente ao encontro anterior, sendo que duas deveriam bater palmas e duas bater as duas mãos na mesa. Novamente foi pedido que aumentassem a força das batidas para que o som fosse mais alto. Pediu-se também que estes fossem sincronizados. Ao fim do aquecimento foi solicitado que se cumprimentassem. Este aquecimento tem como objetivo fazer com que cada integrante se conecte com a outra de forma a fazer um trabalho sincronizado e assim, sair do isolamento.

No *Aquecimento específico* perguntou-se ao grupo quem gostava de escutar música, cantar e/ou dançar. O grupo responde que gostavam e participavam de festas onde haviam danças.

Ainda no aquecimento específico foi explicado que naquele dia o tema do encontro seria música. Foi levada a letra das músicas em uma folha e propositalmente não foram entregues as idosas. O motivo para isso foi o, garantir com que as idosas não se sentissem aflitas de errar a letra.

Na etapa da *dramatização* as integrantes foram instruídas a cantar da forma como se sentissem melhor. Orientou-se que a música seria inicialmente cantada pela Diretora e quando ela fosse parada, as senhoras deveriam continuar a cantar a letra. Isso ocorreu por três vezes, na quarta vez começaram a cantar e quando a musica parou elas continuaram a cantar até a música terminar. Percebeu-se que elas sabiam muitas melodias e letras.

Notou-se que neste encontro foi escutada a voz da senhora Dulce que se portava muito acanhada a falar nos encontros anteriores. A música foi uma forma de expressão que permitiu sua manifestação mais espontânea e criativa. Ao falar se "acanha" embotada por medos e vergonhas, ou seja, pela conserva cultural. Todavia com a música ela consegue se expressar, mais vigorosamente, sem vergonha.

A atividade prossegue e acontece algo bastante inusitado para a instituição. Outras pessoas se aproximam do grupo, algumas moradoras da casa, incluindo dois homens, além de dois enfermeiros, a cozinheira e a auxiliar de limpeza. Este momento foi de muita descontração.

A Diretora teve o cuidado de buscar músicas do repertório delas, de ritmo simples, bastante conhecidas e fácil letra e melodia, de forma a permitir uma imersão no universo das memórias infantis. Esta escolha deliberada teve como propósito tornar a tarefa simples, mas evitar o medo de errar e o não saber, pois ao se trabalhar em campo relaxado o self se contrai permitindo a manifestação da espontaneidade e o desempenho dos papéis.

As músicas cantadas foram:

Atirei O Pau No Gato (Cantiga de roda)

Se Essa Rua Fosse Minha (Cantiga de roda)

Ciranda, Cirandinha (Cantiga de roda)
 Cai, Cai Balão (Cantiga de roda)
 Sapo Cururu (Cantiga de roda)
 O Cravo Brigou Com A Rosa (Cantiga de roda)
 Índia (Roberto Carlos)
 Eu Quero Apenas (Roberto Carlos)
 Detalhes (Roberto Carlos)
 Glória, Glória Aleluia (Thalles Roberto)
 Está Chegando A Hora (Wilson Simonal)
 País Tropical (Sérgio Mendes)
 A Praça (Ronnie Von)
 Me Dá Um Dinheiro Aí (Moacyr Franco)
 O Menino da Porteira (Sérgio Reis)
 Acorda Maria Bonita (Rolando Boldrin)
 Cabeleira do Zezé (Jorge Goulart)
 Cachaça Não É Água (Marchinhas de Carnaval)
 Segura Na Mão De Deus (Carmen Silva)
 Ainda Ontem Chorei de Saudade (João Mineiro e Marciano)

Segue as falas ao *compartilhar*.

Valentina citou que gostava de dançar e cantar tinha coleção de disco de vinil. Seu aparelho de som doou para um jardineiro que trabalhava para ela. Se mostrou muito feliz e comentou “gostei de matar a saudade, conhecia muito das músicas cantadas, bem bom”.

Lurdes sabia muitas músicas e comenta “boas lembranças, gostei das músicas e de cantar, anima a gente”

Olinda disse que não pode cantar a garganta lhe incomoda. Mas cantou corretamente quando a música era parada. Mencionou que: “foi interessante ouvir”.

Dulce citou que escutava música em casa e sempre gostou de cantar. Comenta que “foi muito bom” com um semblante alegre.

Sobre a música Moreno nos afirma:

...voltando a atenção de cada homem para o seu próprio mundo privado, seu próprio corpo e gestos, suas recordações pessoais e experiências cotidianas, em toda a sua singularidade, das quais ele é o melhor informante. Cada homem é o melhor agente para retratar-se a si mesmo e

para dramatizar sua situação vital. Um grande ator, ao adicionar ou subtrair uma certa ênfase as ações do sujeito, poderia anular a sua singularidade e distorcer o seu significado. O psicodrama estimulou-me a um esforço paralelo no campo da música e a que dei o nome de “psicomúsica” (1997, pág. 333).

Diante da psicomúsica Moreno (1997) cita que seja possível que o indivíduo através da música tenha uma finalidade “ativa” em sua vida diária. E que os “instrumentos” atuais do indivíduo são o seu corpo, suas cordas vocais como criador de ritmos musicais, e o ouvinte é o seu aparelho auditivo.

4.7 SÉTIMO ENCONTRO

Para este encontro no *aquecimento inespecífico* foi solicitado que dessem as mãos, fechassem os olhos, sentissem o seu corpo e pensassem no que já haviam falado até o momento. Pensou-se a respeito do Natal, visto que a data está próxima. Foi pedido que fechassem os olhos e respirassem puxando o ar pelo nariz e soltando pela boca duas vezes. Ao abrir os olhos foi solicitado que se cumprimentassem com um aperto forte de mãos. De acordo com Yozo (1996) o grupo está na fase no EU-TU, em direção a NÓS.

No *aquecimento específico* comentou-se ao grupo a atividade do dia seria de forma parecida às executadas anteriormente sobre o tema Natal. Assim, foi realizado um aquecimento lembrando os natais vivenciados pelas integrantes do grupo na sua história pessoal e familiar. Porém neste dia estaria sendo disponibilizados os seguintes materiais: cola, feltro verde e vermelho, tecidos coloridos, cola de glitter, botões coloridos, fitinhas verde e vermelha, tesoura, giz de cera, revistas com desenho de natal. Neste encontro elas deveriam fazer um cartão.

No momento da *dramatização* solicitou-se as participantes que utilizassem todo o material exposto sobre a mesa. Neste momento **Olinda** pede desculpas e diz que não pode participar, não consegue enxergar. Foi dito a ela que não se preocupe, pois ela iria ser auxiliada. Mesmo assim ela insiste que não pode participar da atividade. Foi pedido a ela para que somente observe a confecção dos demais cartões. As demais idosas também dizem que tem muita dificuldade de

visão, mas querem tentar confeccionar o cartão. Elas solicitam a ajuda da Diretora e esta ajudou o quanto possível.

Nesta sessão pode-se perceber o grau de dificuldade que as idosas apresentam, necessitando que a todo o momento sejam auxiliadas. Costa (1998) complementa dizendo que: “Cada indivíduo tem sua própria capacidade de decisão, sua curiosidade e seus próprios limites” (pág. 83). Todavia pode-se verificar que, mesmo com todas as dificuldades elas se engajaram na atividade e produziram os cartões, e, mais importante que isso elas avançaram no processo de sociabilização.

Pode se observar que o grupo estava entusiasmado em fazer o cartão, colocavam as figuras, recortavam o que conseguiam e apenas para dar acabamento nos mesmos é que solicitavam ajuda. Houveram falas paralelas para solicitarem os objetos disponibilizados. Aliás, foi disponibilizado menos tesouras e colas que o número de participantes justamente para promover essas trocas. Percebeu-se ajuda mútua nos momentos em que estavam sendo auxiliadas por outra pessoa.

Neste encontro pela ajuda mútua que houve se observou que o grupo estava entrando na matriz de identidade no Reconhecimento do TU, sobre isso Fonseca afirma “Ao mesmo tempo em que se está reconhecendo como pessoa, se esta também no processo de perceber o outro” (1980, pág. 88).

Ao *compartilhar* foi solicitado que elas comentassem como foi fazer o cartão: A senhora **Dulce** cita “está ficando bonito” e acrescenta que “foi difícil, mas ficou bonito”. **Frida** diz que apesar da dificuldade de fazer o cartão comenta: “gostei muito e é bom demais ocupar o tempo, a hora passa rápido, o cartão ficou bonito e colorido”. **Olinda** perguntou se poderia levar seu cartão mesmo que tenha conseguido fazer apenas com muita ajuda e pede novamente desculpas por não poder participar mais. Obviamente foi permitido que senhora **Olinda** permanecesse com seu cartão tendo com isso manifestado um enorme sorriso na sua face. **Valentina** “gostei”, trouxe que muitas lembranças vieram a sua mente e finalmente a senhora **Lurdes** expressou: “enxerguei pouco, mas foi gostoso fazer”.

4.8 OITAVO ENCONTRO

O *aquecimento inespecífico* neste encontro começou com falas espontâneas das senhoras acerca de como estavam se sentindo e sobre suas aparências, considerando que estavam com os cabelos cortados e penteados. A senhora **Valentina** iniciou dizendo “estou me sentindo bem melhor” e a senhora **Frida** disse “estamos chiques” e **Olinda** complementa “agora ficou bom”.

Para o *aquecimento específico* solicitou-se ao grupo que fechassem os olhos, se imaginassem em um jardim com muitas árvores e flores, uma praça, banco e foi dada a seguinte consigna: imagine que você é uma semente que é plantada e vira uma flor, se imagine que flor e que cor seria, se tem mais flores igual a você. Imagine pegando sol, chuva, um dia de frio e as pessoas admirando este jardim. Sobre o aquecimento comenta Cukier (1992) que este: “Visa exatamente situar o paciente na sessão, focando sua atenção em si mesmo e aquietando suas resistências em adentrar no novo que toda sessão traz” (pág. 31).

Na sequencia e dando início à etapa da *dramatização* foi solicitado que se imaginassem como um buquê de flores e que imaginassem quais eram as flores que continham este buquê. Depois de imaginarem a Diretora solicita que cada integrante do grupo ofereça uma flor para a companheira do seu lado direito, dando uma característica da flor ao entregá-la e ao recebê-la comente o que achou.

A fala da senhora **Dulce** para **Lurdes** inicia o processo, onde oferece a flor TULIPA e lhe diz “uma flor diferente, bonita e sensível” e **Lurdes** ao receber fala: “lembra carinho”.

Na sequencia **Lurdes** oferece a flor HORTÊNCIA para **Valentina** e lhe diz “é uma flor muito durável e não tem por aqui, só serra acima”, **Valentina** lhe diz com sorriso “gostei, ninguém leva para o cemitério esta flor, brincadeira (risos do grupo), é bonita esta flor”.

E **Valentina** oferece a flor ORQUÍDEA ROXA para **Frida** e sua fala é “uma flor durável e forte” e **Frida** ao receber a flor diz “puxa é chique esta flor, linda demais”.

E **Frida** dá a flor ORQUÍDEA BRANCA para **Olinda** dizendo que “é uma flor linda que eu gosto demais”. **Olinda** ao receber diz que “gostei, lembrei do meu orquidário em casa”.

Para finalizar **Olinda** entrega a flor AMOR PERFEITO para **Dulce**, e sua fala é: “esta flor é alegre e o canteiro fica colorido” e **Dulce** ao receber cita que: “tinha em casa, são bonitas”.

Percebido descontração ao fazer toda esta dinâmica, elas puderam se olhar, e sentir o que cada uma ofereceu e estava recebendo, houve trocas. Na matriz de identidade este reconhecimento do TU se fortaleceu, sobre isso Fonseca (1980) comenta: “Trata-se da fase em que ela descobre que o outro sente e reage em relação às suas iniciativas” (pág. 89). Sobre a Matriz de Identidade Moreno (1997) salienta “a segunda fase consiste em que a criança concentra a sua atenção na outra e estranha parte dela” (pág. 112).

No *compartilhar* solicitado que falem o que lembraram nesta atividade:

Olinda diz: “tinha em casa muitas orquídeas, adálias, antúrios sempre gostei de flores, foi muito bom”.

Valentina cita “gostava de comprar vasos com flores para decorar minha casa, morava em apartamento. Comprava olho de boneca, flor de maio, e outras flores, deixava minha casa enfeitada e linda”.

Lurdes diz “lembro que as pessoas paravam na calçada da minha casa para admirar meu jardim de rosas, tinha de todas as cores gostei muito, deu saudades”.

Frida traz “sempre gostei de flores da cor branca, lembrei que recebo flores no meu aniversário”.

Dulce trouxe que “plantava rosa no meu jardim de casa”.

A oitava sessão terminou com um sentimento de alegria, leveza e nostalgia. A cada dia que ocorrem os encontros encontramos mais espontaneidade e sociabilidade entre elas.

4.9 NONO ENCONTRO

Quando a Diretora chega para a nona sessão já encontra próximo à mesa dos trabalhos, aguardando o grupo, as senhoras **Valentina, Lurdes e Dulce**. Embora possa parecer uma coisa simples, cabe destacar que nos primeiros encontros a Diretora tinha que ir a cada quarto buscar cada participante e conduzi-las a sala das reuniões e ainda contar com a possibilidade de alguma não querer participar. Então, verificar que elas estavam suficientemente envolvidas com as atividades a ponto de se anteciparem e, de algum modo, conseguirem chegar antes da Diretora, é algo que merece destaque.

No *aquecimento inespecífico* solicitou-se que dessem as mãos, fechassem os olhos e sentissem as mãos da companheira. Se esta quente ou fria, como se sente dando as mãos. Ainda com os olhos fechados tente sentir seu estado emocional e emita um som. Pode se ouvir conversas sobre; “Ahhh que mãos geladas” e “mas o coração é quente”, sorrisos, e dizendo “aiii não aperte tanto a minha mão” “não estou apertando”, risos. Percebido que o grupo está descontraído, sem reservas e medos. A Diretora reforça que mantenham os olhos fechados e emitam um som. Ouviu-se assobios, imitação de animais como cachorro, gato e outros sons. Peço que abram os olhos, apertem as mãos e se cumprimentem com boa tarde!

Sobre grupo Dias (1987) nos fala “É o indivíduo que sintetiza um clima presente no grupo, sendo, portanto seu porta-voz. O protagonista não é necessariamente um indivíduo, podendo muitas vezes ser uma relação dentro do grupo, o próprio grupo...” (pág. 95).

No *aquecimento específico* o grupo foi preparado para uma atividade em sub grupo, dando continuidade ao que nos diz Yozo (1996) sobre o trabalho grupal. Assim, o grupo foi preparado para uma espécie de gincana, onde se faz aparecer o espírito de competição e de cooperação entre os membros. O Grupo foi dividido em **A e B**. Para cada grupo foram realizadas perguntas e que cada grupo teria a sua vez para responder, como uma gincana.

Na etapa da *dramatização*, o jogo dramático, definido por Yozo (1996) como algo que vem para proporcionar um momento despreocupado, criando

autonomia de atitude para que os participantes atuem permitindo restaurar de forma criativa sua espontaneidade. Outro ponto é a comunicação que não necessariamente acontece no jogo dramático pelo lado verbal, o que favorece ao esbanjamento de nossos sentimentos.

Perguntou-se ao **grupo A**.

- *Uma flor que comece com a letra B*

Lurdes responde "*Begônia*"

Neste momento **Valentina** do **grupo B** também responde sem a Diretora comentar algo, "*Boca de Leão*".

Pergunta ao **grupo B** - *Fazer imitação de um animal para o outro grupo acertar.*

Valentina faz "*miau miau*", baixinho e o **grupo A**, dona **Frida** responde "gato" risos do grupo.

Olinda diz "*au au*" e o **grupo B** dona **Lurdes** responde "*cachorro*".

Foram feitas ao todo 20 perguntas aos **grupos A e B**, todas se envolveram na preocupação de responder.

Segue as perguntas realizadas:

- 1-Uma flor que comece com a letra B;
- 2-Fazer imitação de um animal para o outro grupo acertar;
- 3-Letra de uma música que contém a palavra CABELO;
- 4-Nome de uma pessoa com a letra N;
- 5-Como é o nome da esposa do Mickey;
- 6-Que mês é comemorado o dia do idoso;
- 7-Cantar uma música que tenha a palavra ÁGUA;
- 8-A personagem "cuca" era de qual programa na televisão;
- 9-Apresentador de televisão de um programa de auditório;
- 10-A corrida de Fórmula I é exibida em que dia da semana na televisão;
- 11-O dia internacional da Mulher é comemorado em que mês do ano;
- 12-Resitar um verso que fale de criança;
- 13-Cantar uma música infantil;
- 14-Uma fruta com a letra C;
- 15-Uma comida salgada com a letra L;

- 16-Uma comida doce com a letra B;
- 17-Um meio de transporte;
- 18-As cores da Bandeira do Brasil;
- 19-Nome de um presidente mais antigo que é lembrado;
- 20-Nome de uma artista de televisão com a letra R.

Neste encontro pode ser constatado que o grupo esteve unido, sentindo segurança nos seus vínculos e nas relações sociais. As técnicas do Psicodrama se mostraram eficientes, possibilitando as participantes reestruturar seus laços afetivos.

Sobre isso Dias (1987) afirma:

Portanto, a ligação que se estabelece numa terapia de grupo não é a nível dos problemas exteriorizados mas sim dos núcleos de afeto vinculados a esses problemas. Uma vez trabalhado qualquer tipo de problema, trabalhe-se o núcleo de afeto a ele ligado. Portanto, muitas vezes o indivíduo trabalha um núcleo de afeto e nem se dá conta de que esta trabalhando... (pág. 107).

Diante de todo este processo, se estabeleceu vínculos que proporcionou ao grupo se descobrir e olhar para si mesmo e para o outro.

No *sharing* solicitou-se as integrantes do grupo que mencione como se sentiu ao participar do grupo e responder as questões:

Olinda comentou que quando falado em gincana ficou preocupada que não saberia responder “hoje tudo é tão moderno”.

Lurdes trouxe que achou simples e gostou de participar “é divertido, mais ainda, quando ouço à senhora **Olinda** imitando um bicho”.

Frida cita que achou interessante “foi fácil, gostei”.

Dulce comenta que pensou que não saberia responder, “foi legal”.

Valentina trouxe que gostou e as perguntas foram legais, mesmo não sabendo muita coisa, diz que sabia o que iria falar, “muito bom participar”.

Neste encontro o objetivo foi alcançado, pois houve trabalho em equipe, elas precisavam se comunicar entre si, proporcionando um vínculo mais próximo entre elas.

4.10 DÉCIMO ENCONTRO

Neste encontro **Frida** não pode participar, tinha ido ao médico.

Aquecimento inespecífico, solicitado as integrantes do grupo que fechem os olhos e se imagine num parque ou praça em que você corre, pula, anda depressa, anda devagar, pisa no quente, pisa no frio, anda descalça e anda de forma tranquila e observa a praça, o banco, senta nele, escuta os passarinhos, alimenta os pombos e o vento é fresco, você sente ele em seu rosto e isso lhe deixa bem. De forma tranquila abra os olhos e cumprimentem todos do grupo.

No *Aquecimento específico* comento ao grupo que hoje trabalharemos em dupla, onde serão escolhidos bichos (feitos de cartolina) que representam animais como: Peru, Pintinho, Galo, Ovelha, Burro, Vaca e Pato e solicito que seja criada uma história pela dupla a partir dos bichos escolhidos.

A *Dramatização* se inicia pela dupla **Valentina** e **Lurdes**. **Valentina** fala da sua escolha que é o galo; gosta do canto do galo “pena que ele canta na madrugada” (o grupo se manifesta com sorrisos). Cita “o galo tem uma namorada que fugiu e ele não canta mais, passou dias procurando pela galinha”. O grupo neste momento começa a rir e **Lurdes** fala “acho que foi a que comemos hoje no almoço” **Valentina** concorda e diz “o galo estava triste sozinho, a galinha não apareceu e ele voltou a cantar porque é o que ele sabe fazer”. **Lurdes** pega o pintinho na mão e diz “o meu é o pintinho amarelinho que vive no galinheiro, sua mãe botou três ovos e nasceram somente dois pintinhos um morreu. O pintinho amarelinho ficou triste, quando soube da morte do seu irmão, cresceu e brincou com seu outro irmão. Gostava de ficar no galinheiro olhando o movimento do sítio, às vezes até escapava do cercado, mas logo o pegavam”.

A próxima dupla era a **Olinda** e **Dulce**. **Olinda** pegou a ovelha e comenta “ovelhas são amorosas e reconhece quem as trata e cuida. Quando é guardada a noite, se tiver faltando uma delas berra”, **Olinda** fez o som da ovelha (risos no grupo). “Andam no pasto bem próximas uma das outras. Não gostam de outros bichos, são medrosas”.

Solicitado a **Dulce** falar sua história, fala baixo que está com vergonha, com dificuldade diz que escolheu o peru que vive no cercado sozinho, que não tem amigos, brinca sozinho, come bastante e não gosta de falar.

Mesmo que formado duplas cada senhora fez a sua história e contou separadamente, em alguns momentos dependendo das falas, pode se perceber que estavam falando de si mesma.

Ao compartilhar, ouve falas como:

Olinda diz “trabalhei no sitio, tirava leite e fazia queijo”. Hoje sua filha mora em Campo Alegre e cria ovelhas, por isso sabe como elas são.

Lurdes cita que sua mãe tinha vaca, ela e os irmãos trabalhavam muito cuidando de toda a criação, tirava leite, fazia queijo e cortavam trato.

Valentina traz que gosta da carne de ovelha.

Para Martin,

A espontaneidade não diminui com a idade, mas acontece que a frequência do uso das conservas culturais aumenta. A espontaneidade em si é inesgotável pelo fato de criar se no instante, para cada circunstância. É função da terapia, tal como a concebe Moreno evitar que as conservas culturais sufoquem a espontaneidade (1996, pág. 125).

Diante disso, Martin (1996) cita que o indivíduo quando criança vai adquirindo mais inteligência e memória, tem aprendizados pelo seu modo de atuação no decorrer da sua vida e exercita manusear as conservas culturais, dessa forma o mundo deixa de parecer uma novidade, sendo isso obrigatório para se criar no indivíduo a espontaneidade.

4.11 DÉCIMO PRIMEIRO ENCONTRO

Ao chegar na casa Lar, a Diretora se surpreende com os idosos que estavam aguardando na mesa. Além das cinco integrantes do grupo estavam mais duas senhoras com Alzheimer (leve), um senhor que tinha se restabelecido de uma

cirurgia e uma senhora com esclerose múltipla. O grupo comentou que sabiam que amanhã seria o último encontro.

A Diretora agradece a presença de todos. Nesta situação não podia trabalhar o que trouxe como temática, pois o grupo não era somente as cinco integrantes como nos demais encontros e achou melhor voltar e trabalhar o Reconhecimento do Eu.

Sobre o imprevisto diz Moreno (1997) “Assim, a resposta a uma nova situação requer senso de oportunidade, imaginação para a escolha adequada, originalidade de impulso próprio em emergências...” (pág. 143).

No *aquecimento inespecífico* solicitei que dessem as mãos, fechassem os olhos e se imaginassem num jardim zoológico, num jardim com muitos bichos que estão em jaulas. Sinta o vento gostoso no rosto, sinta o sol, ouça o cantar dos passarinhos e vá caminhando pelo jardim, observe os bichos, sem pressa, bem devagar, sente no banco e observe a natureza. Aos poucos abra os olhos, aperte a mão do companheiro (a) e digam juntos “boa tarde”.

No *aquecimento específico*, colocado sobre a mesa vinte e três bichos de pelúcia, onde os mesmos foram classificados por nome e solicitados que ajudem a identificar uma característica de cada bicho. Disponibilizados: quatro tipos de cachorro, dois leões, tigre, urso, canguru com filhote, coruja, tartaruga, elefante, porco, pinguim, cobra, urso com filhote, urso polar, panda, foca, coelho, anta e girafa. E as características que surgiram foram, forte, bravo, traiçoeira, cuidadora, vagarosa, esperto, amigo, companheiro, rápido, observador, dorminhoca, comedora, mãezona, calmo, boazinha, ágil, dócil, bonito, gordo, pernudo, guloso, madrugador e meigo.

Na *dramatização*, solicitado ao grupo que escolham um bicho que conforme a característica tem haver com você.

Olinda escolheu o cachorro e disse que ele é o melhor amigo do homem, na sua casa tinha uma cachorra chamada “linda” que compreendia tudo o que ela falava e era muito obediente. Quando ela não estava bem à cachorra ficava do seu lado e não comia. Disse que “linda” faleceu do coração, se assustou com uma enchente que aconteceu anos atrás na sua casa, “não pegou água nela, mas ela se

assustou muito”. Trouxe que foi muito triste esta perda, se assemelha com cachorro porque gosta de cuidar dos outros, tem preocupação.

Lurdes escolheu o coelho, seu pai e vizinho criavam coelho, ela era criança, lembra-se de ver os filhotes e o quanto a mãe coelho cuida do ninho, levando palha. Ela se percebe desta maneira, pois sempre cuidou muito dos seus filhos e fazia isso por amor.

Valentina disse não se identificar com nenhum bicho, gostava de cachorro e como morava em apartamento não era possível ter um cachorro.

Frida escolheu o cachorro, diz, o cachorro não gosta de ficar sozinho, gosta de pessoas por perto e ela é assim.

Dulce escolheu o cachorro, ele cuida da casa, não deixa ninguém entrar e sempre quer alguém perto e ela também não gosta de ficar sozinha.

Houve falas dos demais que estavam no grupo e escolheram elefante, foca e cobra.

Valmor – escolheu o elefante, porque ele é grande e pesado e forte, se acha assim também, fez duas cirurgias e foi difícil, mas se sente forte.

Anita – escolheu a foca, mas não conseguiu falar sobre a sua escolha. (tem Alzheimer).

Dolores – escolheu a cobra, mas não consegue falar sobre a escolha (tem Alzheimer).

Pergunto ao grupo como foi participar da atividade, respondem: “foi diferente”, “os bichos são muito lindos”, “não tinha visto tantos bichos de pelúcia”, “já estive no zoológico de Pomerode” e “vi uma cobra bem de perto”.

Para Costa (1998) “Quando é feita a proposta da entrada de um novo elemento no grupo, aceitam-na de forma imediata e unânime” (pág. 118). Neste dia o grupo se mostrou descontraído e participativo, aceitou muito bem a entrada dos demais no grupo. A fala das integrantes do grupo em alguns momentos se percebe que são delas próprias.

4.12 DÉCIMO SEGUNDO ENCONTRO

Neste dia novamente foi de surpresa, quando a Diretora chegou na casa Lar, a mesa estava completa com doze idosos. Ouviu-se o comentário que estavam aguardando para o café com doce e salgado como encerramento. Percebido que o grupo estava descontraído e animado. Comentei da mesa que estava muito bonita, com tantos participantes e me alegrava ver que estavam conversando e aguardando este momento.

Para o *aquecimento inespecífico*, solicitou-se que dessem as mãos, se olhassem nos olhos e se cumprimentassem com um aberto de mão.

No *aquecimento específico* comentado que estaria lendo um texto que fala sobre o “Presente”. Como introdução citado que o ontem já passou o amanhã não podemos saber como será, e o hoje precisamos viver da melhor forma possível e compartilhar esses momentos, pois é o agora, o nosso presente.

A dramatização ocorre com o texto lido (em anexo).

Solicitado falarem o que sentiram ao ouvirem o texto.

Olinda diz “eu gostei foi muito bonito, verdadeiro e faz pensar”.

Lurdes “gostei muito bacana”.

Dulce “bonito”

Valentina “puxa bem bom, gostei demais”

Frida “texto longo, mas com palavras sábias”

Outros citam que gostaram, achando o texto com palavras bonitas e os fazem pensar. Comentado que hoje é o encerramento de um grupo que iniciou com cinco integrantes, que hoje é o décimo segundo encontro. Neste período trabalhamos: os Lenços coloridos, os Brinquedos de Infância (até os 12 anos) às Festas Comemorativas (até os 25 anos), os Enfeites de Bolachas de Natal, Qual é a Música, A Confeção do Cartão de Natal, Buquê de Flores, a Gincana, Criação de História a partir de bichos de cartolina, Os Bichos de Pelúcia e a Leitura do texto “O Presente”.

Peço que elas comentem como foi participar do grupo:

Olinda diz que “foi bom, gostei bastante e não foi difícil, a senhora nos deixou muito a vontade”.

Lurdes “você nos ensinou muito coisa, tivemos oportunidade de lembrar-se de momentos que deram saudades, como os brinquedos”.

Valentina “muito bom e passava rápido, gostei de pintar as bolachas, pois nunca tinha feito isso”.

Frida “gostei das lembranças que vivi e pintar as bolachas foi ótimo”.

Dulce “gostei de tudo”

O grupo sugere cantar algumas músicas enquanto esperam o café. Cantamos as músicas de um dos encontros anteriores.

Diante disso Costa afirma:

De qualquer maneira, é sempre muito gratificante poder observar um idoso ir crescendo durante o processo psicoterápico e desenvolvendo sua espontaneidade e sua sabedoria, capacidade esta que talvez seja inata aos seres humanos, bastando apenas que sejam soltas as correntes que a aprisionam no âmago do ser (1998, pág. 152).

As senhoras idosas trazem poucas falas, mas suas expressões podem ampliar isso em muito com o fato de haver trocas entre elas e o grupo estar animado.

Sobre esta convivência salienta Garrido:

...o homem não pode viver só e vivendo com os demais, tem de se adaptar a certas normas de convivência. Estas normas impõem uma maneira de agir a que chamamos de conduta, e o modo concreto de aceita-las é adotando um papel. As vezes o indivíduo pode escolher o seu papel, outras vezes tem de aceitar o que lhe é imposto; num ou noutro caso, porém, a sociedade lhe exige uma conduta de acordo com esses papéis (1996, pág. 212).

Comentado pela proprietária da casa Lar que os idosos estão mais calmos e gostam de participar do grupo. A equipe de enfermagem também relatou mais tranquilidade nas idosas, onde o trabalho deles fica mais fácil. Hoje as idosas conversam, tem sorrisos e expressões leves.

5. CONCLUSÃO SOBRE OS ACHADOS

Diante da pesquisa realizada pode se constatar de forma relevante o resgate da sociabilidade no grupo de idosas, onde elas, mesmo apresentando limitações motoras e baixa visão, puderam através do método do psicodrama, alcançar essa aproximação entre elas e os demais da casa Lar. Após a entrevista individual foi possível compreender a subjetividade de cada integrante do grupo e com isso foi possível tomar um direcionamento no trabalho que se iria fazer nas sessões seguintes.

A subjetividade do indivíduo quando vive isolado, tem prejuízo no seu social. O social requer uma estrutura de vínculos que se fazem necessários na vida do indivíduo, fatores como a relação com as pessoas podem causar transformações e fortalecer as afinidades entre os indivíduos (COSTA, 1998). Pode ser observado que o sentimento de pertencer, ser incluso e valorizado num grupo oportunizou mudanças e através delas os participantes puderam observar que sua história e suas situações tinham relação com os demais membros do grupo. Possivelmente as próprias idosas perceberam este momento e puderam criar este vínculo entre elas.

Os vínculos provocam no indivíduo a capacidade de se apoderar daquilo que parece difícil antes, a sua própria espontaneidade. Percebido esta espontaneidade num dos encontros com as idosas quando se realizou o enfeite com glacê nas Bolachas de Natal, não houve objeção por parte delas, pelo contrário, estavam dispostas. Este trabalho dentro do método psicodramático despertou no grupo a criatividade e o interesse por fazer algo e isso ser possível, dentro das suas limitações físicas.

A cada dia que os encontros eram realizados foi possível avaliar mudanças positivas que ocorriam, como o aumento do entusiasmo para participar do grupo terapêutico. Antes do término de todos os encontros, quatro idosas já vinham sozinhas até a sala onde realizávamos os encontros, não necessitando que fossem buscadas em seus quartos. Apenas a senhora **Olinda** de 91 anos não podia ir sozinha até o local, pois apresentava maior limitação para se movimentar.

Nos encontros foram realizadas as fases da sessão psicodramática. Num dos aquecimentos inespecífico quando solicitado que dessem suas mãos, olhassem nos olhos de todas e se cumprimentassem se percebeu aproximação entre elas. Esta aproximação durante os encontros foram se enriquecendo e foi percebido isso nas trocas de palavras entre elas e ainda como exemplo no quinto encontro duas senhoras após o término do grupo ficaram juntas no pátio da casa conversando. Este momento de descontração do grupo passou a ser mais transparente na casa, ocasionando um envolvimento de outros idosos da casa Lar que não estavam participando do grupo.

No sexto encontro a dramatização ocorreu com uma música, onde se pode observar o ânimo e o envolvimento não somente do grupo terapêutico, mas também de pessoas que trabalham no local como a cozinheira, a auxiliar de limpeza e os enfermeiros. Este movimento permitiu a liberação das tensões de todo grupo, criando um ambiente descontraído, que possibilitou a aproximação na sala que o grupo estava para cantar com todos.

Ao longo da pesquisa os objetivos foram sendo alcançados. Pode-se constatar que o método do psicodrama e as técnicas utilizadas de forma a pensar num público com limitações físicas, atenderam esta demanda. Isto permitiu o resgate da sociabilidade dos participantes e, portanto proporcionaram uma relação fortalecida, entre as integrantes do grupo. As ações culminaram no aumento constante da criatividade e espontaneidade. Tais pontos são preconizados no método do psicodrama descritos na teoria. Desta maneira as idosas da casa Lar embora apresentassem hipoteticamente possíveis dificuldades em realizar o método do psicodrama, estas, puderam experimentar o método e usufruir de momentos descontraídos. Estes, conseqüentemente, garantem melhor qualidade de vida, mesmo nas situações de limitações pelos participantes dispostos anteriormente.

6 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O QUE FOI CONCRETIZADO

Esta experiência com idosos me enriqueceu como pessoa e profissional. Principalmente porque nunca tinha trabalhado com este público. A cada encontro podia perceber o quanto aprendia com este público e assim aperfeiçoar na medida do possível minha forma de falar, escutar e me expressar.

Minha pesquisa me instigava a cada encontro com as idosas, no qual a pergunta que permeava era: como as técnicas poderiam ser utilizadas para um público com limitações físicas? Pude observar que de fato as técnicas puderam ser empregadas, e desta forma me oportunizou aliar a teoria as experiências práticas. A cada encontro ficou claro que mudanças estavam ocorrendo com as integrantes do grupo e isso foi me deixando mais fortalecida para prosseguir com próximos encontros.

Este fortalecimento ampliou os meus conhecimentos e proporcionou a minha formação como psicodramatista. A partir desta pesquisa me sinto segura para atender e trabalhar com idosos, individual ou em grupo, através do método do Psicodrama e suas técnicas. Espero que este trabalho não contribua somente a mim, mas almejo que pela minha vivência, a forma como conduzi e descrevi este estudo eu possa contribuir para os demais psicodramatistas que venham a necessitar de um embasamento para trabalhar com este público ainda pouco explorado. Mesmo neste grupo, com as limitações físicas as idosas se sentiram confortáveis ao participar nas dramatizações. Pude perceber isto não só pela atitude delas, mas também pelo que elas mesmas comentaram ao compartilhar no final dos encontros.

Quanto às possibilidades, constatei que na casa Lar para Idosos trabalham técnicos de enfermagem, fisioterapeutas, e até o momento não há, infelizmente, um psicólogo. O trabalho realizado com o grupo de idosas deixou claro que se faz necessário à presença deste profissional. Os idosos do lar necessitam além da manutenção de suas saúdes corporais, que de certa forma já é disponibilizada pelos serviços do Lar, mas também de cuidados em áreas não exploradas como a da saúde mental. Desta forma este trabalho contribuiu de forma expressiva, pois proporcionou uma melhor qualidade de vida aos idosos. Estes

estabeleceram uma relação entre eles e os demais da casa Lar, facilitando inclusive o dia a dia dos profissionais que lá trabalham.

Alguns funcionários da casa Lar perceberam as mudanças das idosas e comentaram com a pesquisadora. Segundo eles as idosas estão mais calmas e a relação entre elas melhorou. Diante disso, me sinto realizada nessa pesquisa e trabalhar com este público. Identifiquei-me como profissional que quero ser, muito ética, pontual e com determinações e desafios.

Os desafios do psicoterapeuta são muitas vezes negligenciados, porém estes estão constantemente expostos a novas situações. Através das temáticas levadas, as idosas puderam participar de forma a se sentirem confortáveis desde os primeiros encontros, e isso as estimulou para continuar nos demais. Na entrevista individual percebi que elas estavam ansiosas com o que seria realizado. Essa percepção do profissional é importante para um bom andamento ao trabalho em grupo e seu resultado, todo grupo é diferente e isso precisa ser visto com cuidado.

Diante do resultado obtido por esta pesquisa, mostrou-se que o método do Psicodrama e suas técnicas podem atender pessoas com limitações motoras e baixa visão de forma que o profissional tenha o cuidado para empregar as técnicas conforme o seu público. Espero que este trabalho de pesquisa não cumpra seu papel apenas para minha formação, mas que possa ajudar outros profissionais e os motive a uma ampliação da pesquisa realizada.

REFERÊNCIAS

ANDALÓ, C. Mediação grupal: uma leitura histórico-cultural, São Paulo: Ágora, 2006.

BERNARDES, M.P. Metodologia Científica e Psicodrama: Porque escrever pode ser prazeroso, 1 ed. Florianópolis: Editora Tribo da Ilha, 2017.

BUSTOS, D. M. Perigo....Amor à vista! Drama de casais. São Paulo: Aleph, 1990.

COSTA, E. M. S. Gerontodrama: a velhice em cena, São Paulo: Ágora, 1998.

_____. Conselho Nacional do Ministério Público- Manual de atuação funcional : o Ministério Público na Fiscalização das Instituições de Longa Permanência para Idosos- ILPIs do Estado de Santa Catarina / Conselho Nacional do Ministério Público. – (Brasília : CNMP, 2016. 130 p. il. Disponível em:

http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/CAO_Idoso/manual-de-atuacao-funcional.pdf

Acesso em: Ago.2018

CUKIER, R. Psicodrama Bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente, São Paulo: Ágora, 1992.

DATNER, Y. Jogos para educação empresarial: jogos, jogos dramáticos, role playing, jogos de empresa, São Paulo: Ágora, 2006.

_____. DIÁRIO DA REPÚBLICA, Nº 109, artigo 3 da Lei 101/2006 criada em 06 de Junho de 2006, Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados. Disponível em:

<http://www.sg.min-saude.pt/NR/rdonlyres/A110CE46-A607-4BD1-AB82-BE86B31314C3/18627/38563866.pdf>

Acesso em Jul/2018.

DIAS, V. R. C. S. Psicodrama: Teoria e Prática, São Paulo: Ágora, 1987.

DIAS, V. R. C. S. Sonhos e Psicodrama Interno na Análise Psicodramática, São Paulo: Ágora, 1996.

DIEL, F. O Comportamento dos Idosos: Estudo comparativo entre grupos especialmente assistidos, Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Mestrado em Saúde e meio Ambiente, Disponível em:

http://univille.edu.br/community/mestrado_saude_meio_ambiente/VirtualDisk.html/downloadDirect/526871

Acesso em Ago.2018

DUARTE JUNIOR, J. F. Política da loucura, Campinas: Papyrus, 1983.

FONSECA FILHO, J. S. "Psicodrama da Loucura" - Correlações entre Buber e Moreno, São Paulo: Ágora, 1980.

_____. Gerontogeriatrics – Fisioterapia – Univali, Conceito de Idoso.

Disponível em:

<https://gerontounivali.wordpress.com/conceito-de-idoso/>

Acesso em Ago. 2018

GODOY, A. S. Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades, Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995, disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>

Acesso em Out. 2018

GOMES, R. M. Artigo: O envelhecimento na percepção dos idosos, Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, 23 de Julho de 2014, Campina Grande, Disponível em: (<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/8348>)

Acesso em: Mai. 2018.

GONÇALVES, C. S. Lições de Psicodrama: Introdução ao pensamento de J.L. Moreno / Camila Salles Gonçalves, José Roberto Wolff, Wilson Castello de Almeida, São Paulo: Ágora, 1988.

_____. Imagens Poemas Fernando Pessoa. Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=imagens+poema+fernando+pessoa&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=ugRlj_8RnsaSXM%253A%252C710p6LDgOgdNUM%252C&usq=Al4_-kR5Fv7a-CJi8vRBsjVR-2FRVRuOjw&sa=X&ved=2ahUKEwiojuWrz6beAhXlhJAKHsk_DwYQ9QEwAHoECAEQBA#imgsrc=6O1UaTnnFG-QDM:

Acesso em Out.2018.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Panorama Nacional e Internacional da Produção de Indicadores Sociais, Estudos e Análises: Informações Demográfica e Sócio Econômica, nr. 6, Indicadores sobre Idosos: Desafios diante do envelhecimento populacional: Cintia Simões Agostinho/Luanda Botelho/Pedro Moraes, Rio de Janeiro, RJ, 2018. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101562.pdf>

Acesso em: Jun. 2018.

_____. Letras de Músicas. Disponível em:

<https://www.letras.mus.br>

Acesso em: Nov. 2018

MARINEAU, R. F. Jacob Levy Moreno – 1889-1974: Pai do Psicodrama, da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo, São Paulo: Ágora, 1992.

MARTIN, E.G. Psicologia do Encontro: J.L. Moreno, São Paulo: Ágora, 1996.

Mendes, M.R S S.B.; Gusmão, J.L.; Faro, A.C.M.; Leite, R.C.B.O. A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. Acta Paul Enferm.; vol.18, no.4, 2005 Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/ape/v18n4/a11v18n4.pdf>

Acesso em Ago.2018.

_____. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.528, criada em 19 de Outubro de 2006, Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Ministério da Saúde, Gabinete do Ministro. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html
Acesso em: Jun. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Portaria 399/GM de 22 de Fevereiro de 2006, Divulga o Pacto pela Saúde 2006 – Consolidação do SUS e aprova as Diretrizes Operacionais do Referido Pacto. Ministério da Saúde, Gabinete do Ministro. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0399_22_02_2006.html
Acesso em: Jun. 2018.

_____. Ministério da Saúde, Decreto nº 4.227 de 13 de Maio de 2002, cria o Conselho Nacional dos Direitos do Idoso CNDI e dá outras providências. Brasília, DF, Presidência da República Casa Civil. Fernando Henrique Cardoso. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4227.htm
Acesso em: Jun. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Lei nº 8.842, de Janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF, Presidência da República Casa Civil. Itamar Franco Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm
Acesso em: Jun. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Lei nº 10.741 de 01 de Outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF, Presidência da República Casa Civil. Luiz Inácio Lula da Silva. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/l10.741.htm
Acesso em: Jun. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Lei nº 13.466, de 12 de Julho de 2017. Modifica os arts. 3º, 15 e 71 da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso. Brasília, DF, Presidência da República Casa Civil. Michel Temer. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm
Acesso em: Jun. 2018.

_____. Ministério da Saúde, Caderneta de Saúde da Pessoa Idosa, Secretária da Saúde, Departamento de Ações programáticas Estratégicas. 4ª edição, Brasília – DF, Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/27/CADERNETA-PESSOA-IDOSA-2017-Capa-miolo.pdf>
Acesso em: Jun. 2018.

_____. Ministério da Saúde – OMS – Ministério recomenda: é preciso envelhecer com saúde, por Carolina Valadares da Agência Saúde, Publicado em 01 de Outubro de 2016. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/25924-ministerio-recomenda-e-preciso-envelhecer-com-saude>
Acesso em: Ago. 2018.

MONTEIRO, R.F. ALMEIDA, C.A. O Lúdico nos Grupos: Terapêuticos, pedagógicos e organizacionais, São Paulo: Ágora, 2012.

MORENO, J.D. Impromptu Man, J.L. Moreno e as Origens do Psicodrama, da cultura do Encontro e das Redes Sociais, São Paulo, FEBRAP, 2016.

MORENO, J.L. Psicodrama, São Paulo: Cultrix, 1997.

MORENO, J.L. Psicodrama: terapia de ação & princípios da prática: J. L. Moreno em colaboração com Zerka T. Moreno, São Paulo: Daimon – Centro de Estudos do Relacionamento, 2006.

REBOUÇAS, R. M. S. A. Técnica de Construção de Imagem com Tecidos no Psicodrama com Púberes, 2012. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicodrama/v20n2/a10.pdf>

Acesso em Out/2018.

_____. Revista Neurociências V12 N3 - JUL/SET, 2004. Disponível em:

<http://services.epm.br/dneuro/neurociencias/Neurociencias12-3.pdf#page=17>

Acesso em Jul. 2018.

_____. Revista Brasileira de Psicodrama. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-539320170001&lng=pt&nrm=iso

Acesso em Jul. 2018.

SCHMIDT, M. L. G. A utilização do objeto intermediário no psicodrama organizacional: modelos e resultados. Psicologia para América Latina, México, 8. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000400012

Acesso: Nov. 2018

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica, Universidade de Murdoch, Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em:

<http://w.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>

Acesso em Out. 2018.

_____. United Nations. World Population Prospects The 2017 Revision: Key Findings and Advance Tables, New York: UN, 2017. Disponível em:

https://esa.un.org/unpd/wpp/Publications/Files/WPP2017_KeyFindings.pdf

Acesso em: Jul. 2018.

VIECILI, T. A. As contribuições dos jogos dramáticos nas relações vinculares de um grupo de idosos conviventes. 2013. 88f. Monografia. (Trabalho de Conclusão de Curso de Psicodrama – NÍVEL I – Foco Psicoterápico) – Locus Psicodrama, Florianópolis, 2013.

YOZO, R. Y. K. 100 Jogos para grupos: uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas, São Paulo: Ágora, 1996.

ANEXO – TEXTO UTILIZADO: O PRESENTE (O HOJE)

Parabéns, você foi premiado com o Presente que é o dia de Hoje, pois Ontem já passou e o Amanhã não temos conhecimento de como será. Somente o amor e não o ódio é capaz de curar o mundo. Observe os amigos em torno de você e compartilhe o Presente com quem você achar mais alegre.

Alegria, alegria, hoje é festa, pessoas como você, transmitem otimismo e alto astral. Parabéns com sua alegria. Curta o seu presente com quem tem sabedoria.

A sabedoria nos foi dada por Deus. Parabéns por ter encontrado espaço para demonstrar esse talento, pois muitas pessoas são sábias. Procure uma pessoa que transmita Paz.

O mundo inteiro clama por Paz e você gratuitamente transmite esta tão grande riqueza. Parabéns você está fazendo falta a grandes potencias do mundo, responsáveis por tantos conflitos entre a humanidade. Com muita Paz passe o hoje com quem você considera Amigo.

Diz uma música de Milton Nascimento que “amigo é coisa para se guardar do lado esquerdo do peito, dentro do coração”. Parabéns por ser amigo, mas viva o presente com quem você considera dinâmico.

Dinamismo é fortaleza, coragem, compromisso e irradia energia. Seja sempre agente multiplicador de boas ideias e boas ações em seu meio. Parabéns viva o presente com quem você acha mais solidário.

Parabéns você prova ser seguidor dos ensinamentos de Cristo. Solidariedade é de grande valor. Olhe para os amigos e compartilhe o presente com quem você considera bonito e feliz.

Parabéns ser bonito é estar feliz, estar bem, isso completa a criação humana, o outro não tem culpa do dia que você esta aborrecido com algo, mas viva o presente mais sorridente.

Parabéns você que é uma pessoa sorridente, viva o presente com uma pessoa birrenta e tente convencê-la que isso não leva a nada.

Você foi considerada uma pessoa birrenta, precisa mudar este jeito, para isso acontecer, viva o seu presente com uma pessoa teimosa.

Essa sua teimosia não leva a nada, não implique com as coisas que a vida lhe dá. Viva com quem você acha otimista.

Otimista é aquele que sabe superar todos os obstáculos com alegria, esperando o melhor da vida e transmite aos outros a certeza de dias melhores. Parabéns se você é uma pessoa otimista. Passe o presente com quem você considera competente.

Competentes são pessoas capazes de fazer bem todas as atividades a elas confiadas e são bem sucedidas porque foram bem preparadas para a vida. Essas são pessoas competentes como você. Viva o hoje com quem você considera caridoso.

A caridade é como diz o Apóstolo Paulo aos Coríntios “ainda que eu falasse a língua dos anjos se não tiver caridade, sou como o bronze que soa mesmo que conhecesse todos os mistérios, toda a ciência, mesmo que tomasse a fé para transportar montanhas, se não tiver caridade de nada valeria. A caridade é paciente, não busca seus próprios interesses e está sempre pronta a ajudar, a socorrer, tudo desculpa tudo crê, tudo suporta e tudo perdoa”. Você que é assim na caridade, merece viver o presente com quem é prestativo.

Prestativo é aquele que serve a todos com boa vontade e está sempre pronto a qualquer sacrifício para servir. São pessoas agradáveis e todos se sentem bem em conviver. Viva o seu presente com quem é Artista.

Você que tem o dom da Arte e sabe transformar tudo, dando beleza, luz, vida, harmonia a tudo que faz e toca. Da alegria no que faz você é admirado, pois é um artista. Viva o seu presente com quem tem Fé.

Fé é dom, vem de Deus. Feliz de você que tem fé, pois com ela você suporta tudo, espera e confia porque sabe que Deus virá em socorro nas horas difíceis e poder ser feliz. Diz o Salmo 26: “O Senhor é a minha luz e minha salvação, de quem terei medo?” Se você acredita e espera tanto de Deus, sabe também esperar e ter fé nos homens e na vida e assim será feliz. Mas viva o presente com quem tem o espírito de liderança.

Líderes são pessoas que sabem guiar, orientar e dirigir pessoas ou grupos, com capacidade, dinamismo e segurança. Junto de você que é líder sentimos seguros e confiamos em tudo o que você diz e resolve fazer. Confiamos em você que é líder, viva o presente com quem você acha justo.

Justiça foi o que Cristo mais pediu para o seu povo e por isso foi crucificado, mas não desanime. Ser justo é colaborar com a transformação de nossa sociedade. Mas

já que você é muito justo, não vai querer o hoje só para você, divida o seu dia de hoje que é o presente com todos que estão próximo de você e seja feliz, distribuindo esta felicidade (Autor desconhecido).

APÊNDICE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, representante da instituição *Caldas Casa de Repouso para Idosos Ltda.*, declaro que estou esclarecido (a) dos objetivos e dos procedimentos da pesquisa "A contribuição do Psicodrama no regaste da sociabilidade de Idosos com limitações físicas" para o estudo, com a publicação e/ou apresentação dos dados coletados, desde que sejam respeitados os princípios éticos que me foram apresentados pelo pesquisador responsável, a saber:

- . O participante tem o livre arbítrio para aderir ou desistir, a qualquer momento, do processo da pesquisa;
- . O anonimato do participante será mantido em todos os registros da pesquisa;
- . Não serão publicados dados que possam identificar o participante, bem como de pessoas citadas por ele;
- . A fonte dos dados encaminhados via e-mail será de consentimento apenas do pesquisador e do professor do módulo temático, ficando, sob a responsabilidade destes, apagar a identidade do informante antes de divulgar esses dados;
- . A privacidade do participante será respeitada durante o processo, evitando exposição desnecessária ou situações que possam causar constrangimento;
- . Não serão publicados dados que o participante não libere para divulgação;
- . O participante não será exposto a riscos de nenhuma natureza que possam ferir sua integridade física, mental e emocional;
- . Serão respeitadas as expressões culturais e sentimentais dos participantes em relação ao objeto do estudo;
- . As expressões dos participantes que envolvam catarse também não serão julgadas, e somente serão utilizadas caso sejam pertinentes ao objeto do estudo;
- . O processo da pesquisa não poderá interferir no cotidiano da vida do participante e do local onde está sendo feita a pesquisa;
- . Todos os momentos de interação, pesquisador-pesquisado, serão acordados com antecedência entre ambos a cada final de encontro;
- . O estudo será apresentado de forma fidedigna, sem distorções de dados;
- . Os resultados da pesquisa serão apresentados ao final da mesma, em forma escrita e em defesa pública, nas dependências da Locus Psicodrama Clínica & Escola;

. Os dados obtidos poderão ser divulgados em outros meios, tais como palestras e/ou publicados em periódicos.

Representante da Instituição e RG:

Eliane Ema Wille

(Pós-graduanda)

Contato: _____

Márcia Pereira Bernardes

(Professora orientadora)

Contato: _____

_____, de _____ de _____